

Projetos ecológicos da UEPB ganham destaque nacional

Pesquisas com foco em sustentabilidade e educação ambiental são escolhidas em disputada seleção do CNPq. [Páginas 13 e 14](#)

Foto: Marco Pimentel/PBTur



Mataraca, onde tradição e aventura se encontram

De origem indígena, município do Litoral Norte é o paraíso para os adeptos do turismo ecológico que apreciam de passeios de bugre as trilhas em florestas. [Página 8](#)

Entrevista

Foto: Edson Matos



Pandemia e comércio online: os desafios do Procon-PB

Superintendente do órgão, Késsia Liliana fala do trabalho da autarquia e dá dicas de como o consumidor pode se proteger na hora de comprar um produto. [Página 4](#)

Paraíba

Hemocentro é referência no tratamento de talassemia

Pacientes com anemia hereditária que provoca alterações genéticas encontram na unidade de saúde da capital a estrutura necessária para um melhor atendimento. [Página 7](#)

Diversidade

Foto: Divulgação



Nova chance Governo do Estado desenvolve quase 80 projetos de ressocialização entre presos. [Página 15](#)

Coronavírus será mapeado a partir do esgoto de CG

Iniciativa da UEPB, em parceria com UFCG e Cagepa, irá alimentar uma plataforma virtual com dados coletados em tempo real. [Página 16](#)

Foto: Amanda Viana/ Cia Boca de Cena

Almanaque



Babau em extinção Reconhecida como bem imaterial pelo Iphan, arte com bonecos não consegue formar uma nova geração de mestres. [Página 17](#)

Cultura

Foto: Reprodução



Sertão construído com memórias Jefferson Costa fala sobre 'Roseira, Medalha, Engenho', história em quadrinhos indicada ao Jabuti. [Página 9](#)

Colunas

/// A indicação de um filme brasileiro ao próximo Oscar, pelo que se sabe, ganha contornos diferenciados. [Página 11](#)

Alex Santos

/// Minha experiência indica que religião e sexo são os dois assuntos que mais podem 'bombar' um post na internet. [Página 14](#)

Fábio Mozart

Esportes

Beisebol feito na Paraíba

Formado em JP há três anos, Bravos tenta consolidar o esporte americano no Estado. [Página 12](#)



Foto: Divulgação

DEZEMBRO VERMELHO

O MÊS DO COMBATE AO HIV

A PREVENÇÃO
PODE SALVAR
SUA VIDA.



Editorial

Noturnos

Um gari que escapa de um caminhão-coletor e por ele é atropelado e morto provoca comisseração tanto quanto o empregado da construção civil que despenca do andaime e cai sobre as fundações do edifício, bem ali onde, dentro de algum tempo, haverá jardins e piscinas, gente se divertindo, que ele não conheceria e de quem provavelmente jamais seria vizinho.

Quem sabe dos cortes e sustos que levam as famílias que vagam pelas madrugadas, acompanhadas de seus fiéis cachorros, remexendo em tambores de lixo, à cata do que é reaproveitável, tornando menos perdulária a sociedade que as excluem? Honoráveis artistas do precário, com suas instalações feitas de um burro, dois pneus, carroceria, plástico, alumínio e papelão.

Alguém é salvo de um ataque brutal e traiçoeiro do coronavírus, na cama de um silencioso quarto de hospital. Um ser quase divino ajusta anonimamente no rosto que se contorce o tubo que levará aos pulmões o oxigênio milagroso, e espera pacientemente a calma que sucede à sedação, para ir tomar seu banho e fazer seu lanche, atrasados às vezes de várias horas.

O barulho dos disparos desperta o ancião. Foi aqui perto, tenho certeza, comenta ele para a esposa ausente há 15 anos. Não demora, ele saberá, na tela da televisão, ao retornar da caminhada, que quatro policiais consumiram a noite em rondas, informando-se dos vigilantes, seus quase iguais, da rota dos malfeitores, até a troca de tiros frontal, sem vítimas do lado da lei.

O vinho farto fez o casal demorar além do combinado na varanda de frente para o mar. Os anfitriões abrem outra garrafa. Não se preocupem, o quarto de hóspede está à espera dos amigos. Há, no entanto, compromisso inadiável: Julinho retorna hoje às aulas presenciais. Embaixo, o motorista de táxi, que aos amados presta serviço à 12 anos, cochila assistindo filmes no celular.

A noite seria mais escura, não fossem as luzes dos presídios, das delegacias, dos quartéis, das fábricas, dos navios, dos aviões, dos ônibus, dos táxis, das viaturas, dos hospitais. Luzes não da vigília, mas das obrigações. Das profissões que movem o mundo mesmo quando mais da metade dele está adormecida, sonhando que todo o mundo está assim, exatamente igual.

Artigo

Rui Leitão

iurleitao@hotmail.com | Colaborador

A noite que durou dez anos

Eram exatamente dezessete horas do dia treze de dezembro de 1968 quando o presidente Costa e Silva deu por iniciada à sessão do Conselho de Segurança Nacional, com todos os seus integrantes sentados à mesa de jantar do Palácio das Laranjeiras. Cada conselheiro tinha à sua frente o texto oficial do Ato Institucional n. 5. Iniciou a reunião afirmando: "A decisão está tomada. Ou a Revolução continua ou ela se desagra. Suspendemos nosso encontro por vinte minutos para que cada um possa conhecer o conteúdo do documento que aprovaremos nesta tarde. No retorno, peço que cada membro diga o que pensa e o que sente a respeito". Ora, estava muito claro, que todos ali participavam de uma encenação. Não haveria, portanto, nenhuma discussão a fazer. O AI 5 já era um fato a ser consumado nas próximas horas.

Na retomada da reunião, o primeiro a falar foi o vice-presidente Pedro Aleixo, que contrariando o pensamento do documento em análise, propunha um outro remédio institucional: o estado de sítio. E foi duro ao proclamar: "Discordo do Ministro Gama e Silva. A Revolução está institucionalizada pela Constituição de 1967. Uma Constituição contendo todos os remédios para os males políticos. Este Ato acaba com o Legislativo, colocando-o em recesso pelo arbítrio do Executivo. E torna o Judiciário um apêndice do Palácio do Planalto, ao suspender a inamovibilidade e a vitalidade dos seus membros. O sentido discricionário e de exceção contido neste documento é um perigo permanente para as instituições. Da Constituição, que antes de tudo, é um instrumento de garantia dos direitos da pessoa humana e dos direitos políticos, não sobra nada. Estamos instituindo um processo equivalente a uma

própria ditadura". Foi o único voto contra.

A seguir, um a um foi expondo seu ponto de vista em relação à questão. Alguns tentaram abrandá-lo, sugerindo a sua vigência pelo prazo de um ano, como o ministro chefe do Gabinete Civil, Rondon Pacheco. Outro chegou a idealizar a instalação de uma Nova República, com a dissolução do Congresso e a convocação de eleições para uma Constituinte. O ministro Jarbas Passarinho, do Trabalho, por ocasião do seu voto, chegou a afirmar: "Sei que Vossa Excelência, repugna, como a mim e a todos os membros deste Conselho, enveredar pelo caminho da ditadura pura e simples, mas me parece que claramente é esta que está diante de nós. Às favas, senhor presidente, neste momento, todos os escrupulos de consciência".

A Paraíba, lamentavelmente, estava lá presente na pessoa do Ministro do Exército, Lyra Tavares, que na oportunidade do anúncio do seu voto, assim se manifestou: "Nós estamos agora perdendo as condições de manter a ordem neste país. É preciso assimilar que foi com grande sacrifício que as Forças Armadas, particularmente o Exército, guardaram até aqui, como fato inédito na história política do Brasil, o seu silêncio, à espera de uma solução, e, convencidos todos os quadros, de que não se pode deixar de haver essa solução, voto pela sua aprovação".

Enfim, o AI 5 estava aprovado quase por unanimidade, registrando-se apenas o voto contrário do vice-presidente, Pedro Aleixo.

Encerrando a reunião, o presidente Costa e Silva declarou: "Peço a Deus que não venha a me convencer amanhã de que o Pedro Aleixo esteja certo". E estava. Aquela noite em que o AI 5 foi anunciado oficialmente durou dez anos.

/// Ora, estava muito claro que todos ali participavam de uma encenação. Não haveria, portanto, nenhuma discussão a fazer. O AI 5 já era um fato a ser consumado nas próximas horas. ///

Artigo

Sitônio Pinto

sitoniopinto@gmail.com | Colaborador

Precisa-se de um gol

Quase metade dos pugilistas do mundo são brasileiros. Falta pouco para chegar lá. Quero dizer, chegar na metade. Até um dia desses, o Brasil só tinha, nos esportes marciais, Luizão e Eder Jofre (esses dois no boxe) e os Graces no jiu-jitsu, que eles (os Graces) transformaram no "brazilian jiu-jitsu" - hoje reconhecido internacionalmente. E aí de quem não reconhecer - vai ter de sustentar essa opinião no tatami (antigamente se diria "ringue", ou, piormente, ring". Mas os lutadores brasileiros mudaram a semântica, e outras regras, e introduziram golpes e contra-golpes.

Não está longe o dia em que Macunaíma saberá todas as bossas do repertório do tatami e do ringue. Tem algum canal de TV que transmita futebol o dia todo? Ou qualquer outro esporte? Tal só acontece com o futebol, o nobre esporte bretão - que não me deixaram jogar quando eu era menino, "muito pequeno mesmo", no dizer de Jorge de Lima em "Celidônia, pois era um esporte "muito bruto". Mais brutalidade foi confinarem um menino numa casa pequena, sem espaço para um chute. Que fosse pequena, mas o oitão era largo como um gol.

Esqueci de dizer à psicanalista que nunca fiz um gol. Será que isso faria muita diferença? Pode um brasileiro viver e morrer sem nunca ter feito um gol? Sempre como zaguei-

ro, em qualquer campo, fosse na praia ou no bairro? Não tive a sorte de Rubem Braga, o vizinho das Texeiras, que moravam de frente ao seu campo de peladas, lá no Cachoeiro do Itapemirim. Rubem e seus companheiros podem ter perdido algumas bolas que tenham invadido o espaço das Texeiras, mas ganhou o tema de uma bela crônica.

Tomo de empréstimo a bola de Rubem para ver se consigo algo do seu estilo magistral. Ele deu a receita para seus possíveis seguidores: a simplicidade é a matéria prima. Na dúvida entre o emprego de uma palavra, optar pela mais simples. E assim ele constrói o edifício de seu discurso. Quando tenho tempo, experimento essa aventura. Só o Leitor poderá dizer se atingi o alvo colimado ou se me perdi a meio do caminho. Brevemente publicarei alguns desses textos, reunidos em livro, e conto com a complacência do Douto Leitor para compulsá-lo. São crônicas no padrão de Minke. Recorda-se? Essa é a biografia de uma baleia que veio morrer no litoral da Paraíba.

O velho Rubem escrevia de vez em quando sobre suas pescarias, mas não me lembro dele ter abordado o tema dos grandes cetáceos que bordejam o litoral brasileiro. É verdade que elas não são peixes, mas mamíferos pisciformes. Cronistas de grande talento, como o velho Rubem, podem dizer bem e melhor.

/// Esqueci de dizer à psicanalista que nunca fiz um gol. Será que isso faria muita diferença? ///



Domingos Sávio

savio_tel@hotmail.com

Humor



SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL
EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Albiego Léa Fernandes
DIRETORA DE RÁDIO E TV



A UNIÃO

Uma publicação da EPC

BR-101 Km 3 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

André Cananéa
GERENTE EXECUTIVO DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferroira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 /
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O UVIDORIA : 99143-6762

Altas temperaturas e poluição prejudicam floração dos ipês

Espécie geralmente costuma florir entre os meses de setembro e dezembro, mas até agora poucas exibiram suas flores

Iracema Almeida
iracemalubarino@gmail.com

Temperaturas mais elevadas e poluição provocadas pelos escapamentos dos gases dos veículos. Esses são os dois motivos para a demora na floração dos ipês, tradicionais nesse período do ano, especialmente na região central de João Pessoa.

De acordo com o chefe de Divisão de Arborização e Reflorestamento da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Semam-JP), o engenheiro agrônomo Anderson Fontes, a floração dos ipês vem sendo acompanhada há alguns anos e a floração que geralmente acontecia entre os meses de setembro a dezembro, ainda não aconteceu.

“Dentro dessa monitoração estamos sentindo e verificando as condições cli-

máticas, como o aumento da temperatura e, principalmente, a influência dos gases dos veículos automotores estão interferindo no ciclo das árvores urbanas, os ipês têm sentido muito e retardado sua floração, aqui em João Pessoa”, afirmou.

Anderson Fontes acrescentou que “estamos aguardando, ainda até o final desse ano, a chegada das flores dos ipês. Se acontecer será uma paisagem muito linda, tendo em vista que pelo acompanhamento alguns já começaram a dar o seu ar da graça. Nossa expectativa é grande, algumas de outra coloração já floraram um pouco, como as rosas, roxos e estamos esperando o ipê amarelo que é a árvore símbolo da nossa cidade”.

Em João Pessoa, são cerca de 2,3 mil Ipês espalhados

pelos 64 bairros da cidade. A maioria dessas árvores pode ser encontrada pelas ruas e avenidas do Centro, segundo a Semam-JP só no Parque da Lagoa existem 173 ipês cadastrados na divisão de arborização.

“Também temos muitas árvores dessa espécie na UFPB, na Bica, no bairro do Valentina, Avenida Hilton Souto Maior, em praças, canteiros, calçadas e até mesmo dentro de imóveis particulares. Todas elas receberam preparo adequado para florescer da melhor maneira possível. Fizemos as podas, a assepsia e os tratamentos fitossanitários para possibilitar as melhores condições de florescimento. Então, agora só nos resta esperar pela chegada das flores coloridas”, explica o engenheiro agrônomo.

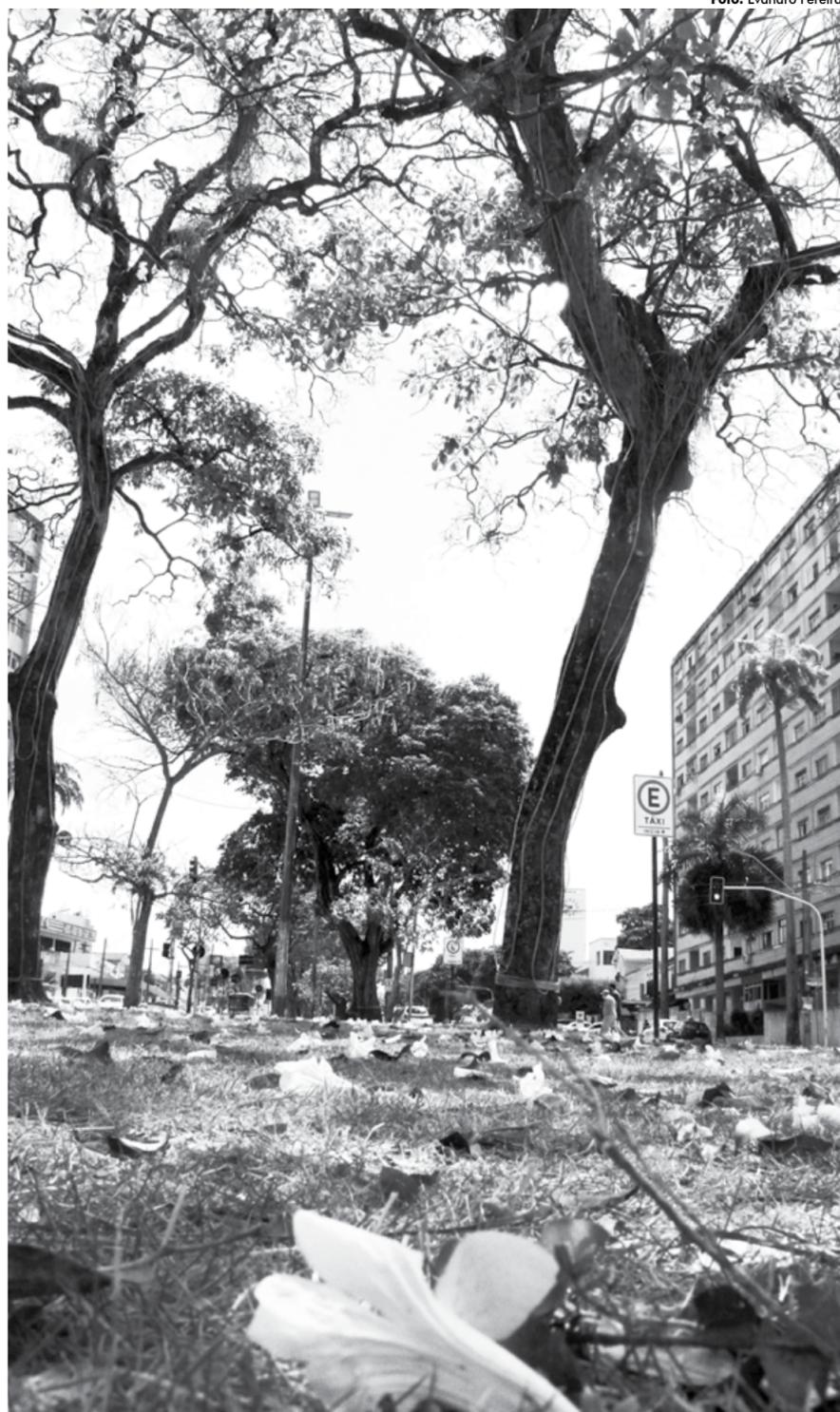


Foto: Evandro Pereira

Monitoramento realizado pela Semam-JP aponta que são 2,3 mil ipês na capital, sendo 173 apenas na Lagoa

+ Espetáculo que encanta pessoenses

O espetáculo da floração dos ipês, sobretudo os amarelos, é bastante aguardado pela população. Na área do Parque Solon de Lucena, a popular Lagoa, muitas pessoas param para tirar fotos das árvores com as copas floridas.

“Quando chega esse período, eu já fico na expectativa de ver o florescer dos ipês, mas estou muito triste, pois esse ano os ipês resolveram não florir, como ocorria nos anos anteriores. Antes, a gente abria nossas janelas já via logo a beleza dos ipês e hoje quando abro não vejo nada... até que os ipês roxos, rosas, brancos e amarelos floriram um pouco, mas não daquele jeito lindo que alegrava nossas almas, era tão lindo ver o chão todo colorido”, relata Simone Soares, moradora do Edifício Santa Rita, que fica localizado bem próximo da Lagoa. “Não só eu, como também os meus vizinhos adoramos ir tirar fotos no meio das flores

dos ipês, muito triste isso. Mas quem pode brigar com a natureza?, ela sabe quando deve florir ou não”, completa.

O ipê é uma das árvores símbolos do Brasil, ela possui uma floração que dura em média 15 dias, mas já é o suficiente para transformar a paisagem, com as cores de suas flores. “O ipê é uma das árvores que desde o descobrimento do nosso país se destaca na vegetação brasileira e está presente em quase todos os biomas do país. Seus troncos são de madeira de lei, aquelas bem resistentes e muito usadas da fabricação de móveis. Uma árvore de grande porte que pode chegar até 20 ou 30 metros de altura. Elas também são responsáveis em beleza as cidades, é considerada por muitos paisagistas como a árvore que dita o tom das paisagens nos projetos de urbanização e paisagismo”, destaca Anderson Fontes.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

ELEIÇÃO DE PRESIDENTE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS É DISPUTA ‘PESSOAL’ ENTRE RODRIGO MAIA E BOLSONARO

A eleição para presidente da Câmara dos Deputados – a ser realizada em fevereiro do próximo ano – não será apenas uma disputa interna entre grupos de partidos pelo poder que está associado aos cargos da Mesa Diretora. Será o enfrentamento, a crônica de uma guerra declarada, entre o atual presidente, Rodrigo Maia (Democratas), que não pode mais ser reconduzido, e o presidente da República, Jair Bolsonaro (sem partido). E informações de bastidores dão indícios de que haverá uma situação atípica no pleito: dois candidatos do mesmo partido – do Progressistas – deverão se enfrentar pelo comando da casa legislativa, cada um querendo dar mais peso ao seu lado nessa gangorra política. O grupo de Rodrigo Maia – que envolve outros partidos do centrão e de direita, como o PSL, e que teria trânsito melhor entre as legendas de esquerda, como PT, PSB e PDT – deverá apoiar a candidatura de Aguinaldo Ribeiro. Já o candidato preferido de Bolsonaro é Arthur Lira, líder do Progressistas na Câmara, portanto correligionário de Aguinaldo Ribeiro. Temos aí, pois, todos os ingredientes para tornar essa eleição singular: com ambos os lados especialmente ambicionados pelo resultado exitoso que anule o poder do adversário. Até o fechamento da coluna, Baleia Rossi (MDB) também era um nome ainda no páreo, mas Aguinaldo Ribeiro continuava como preferido de Maia.



Foto: Divulgação

AULAS PRESENCIAIS EM JP

Sem aqodamento, Cícero Lucena (PP) pretende fazer um planejamento para permitir o retorno de aulas presenciais nas escolas municipais e privadas da capital. De acordo com o futuro procurador do município, Bruno Nóbrega, será formado um grupo com representantes da prefeitura, das escolas e dos pais de alunos para respaldar decisão como esta.

PLANEJAMENTO PRÉVIO

A Paraíba não se antecipou apenas por elaborar, com a urgência que se fez necessária, um plano de vacinação contra a covid-19. Também estabeleceu canal de diálogo com o Instituto Butantan (SP), que produzirá a CoronaVac. “Ação paralela ao plano do Ministério da Saúde para nos anteciparmos e começarmos a vacinação o quanto antes”, explicou o governador João Azevêdo, no twitter.

GERANDO ESPECULAÇÕES

Presidente do PSL na Paraíba, o deputado Julian Lemos afirma que seis prefeitos eleitos este ano vão filiar-se ao partido. Ele não revelou de quais municípios são esses gestores, mas deu uma pista: são prefeitos que o PSL “ajudou a eleger”. Como a legenda fez alianças em vários municípios, a declaração está gerando especulações.

LOCKDOWN DESCARTADO

Futuro secretário de Saúde de João Pessoa, Fábio Rocha afirmou que, por enquanto, não existe a intenção do prefeito eleito, Cícero Lucena, de decretar lockdown, por causa do aumento de casos de covid-19, e sim garantir o cumprimento das medidas de prevenção. “[Até chegar a vacina] temos que aprender a conviver com o vírus”.

‘AFAGO’ NO PRESIDENTE

Governador de Goiás, Ronaldo Caiado (DEM) fez um ‘afago’ em Bolsonaro para contrariar João Dória. Publicou no twitter que “toda vacina produzida ou importada no país será requisitada e distribuída aos Estados pelo Ministério da Saúde. Nenhum estado vai fazer politicagem e escolher quem vai viver ou morrer de covid”. Só vê ‘politicagem’ de um lado.

CÂMARA VOTA LOA DE MAIS DE R\$ 2,7 BI NA QUARTA-FEIRA

Na próxima terça-feira, dia 15, a Lei Orçamentária Anual (LOA) 2021 será votada na Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal de João Pessoa, confirma o vereador Damásio Franca (PP), relator. No dia seguinte, ocorrerá a votação da peça em plenário. O orçamento está estimado em mais de R\$ 2,7 bilhões.

Késsia Liliana,
Superintendente do Procon-PB

“É preciso ser o mais transparente possível com o consumidor”

Em entrevista ao Jornal A União, Késsia afirma que atenção e informação são armas fundamentais na hora da compra

José Alves
Zavieira2@gmail.com

Na direção da Autarquia de Proteção e Defesa do Consumidor do Estado da Paraíba (Procon/PB) há 6 anos, Késsia Liliana Dantas Bezerra Cavalcanti começou a trabalhar na autarquia em 1993. Há exatos 27 anos, ela milita no órgão buscando ajudar os cidadãos paraibanos. “Trabalhar no Procon-PB é uma grande satisfação. Esse trabalho de proteção em defesa do consumidor é um marco em minha vida”, afirma.

Em entrevista ao **Jornal A União**, Késsia Liliana fala sobre os 30 anos do Código de Defesa do Consumidor, importante arma na defesa das boas práticas e relações de consumo, além dos desafios surgidos com a pandemia para manter os serviços de atendimento e as adequações à explosão do consumo online.

A superintendente do Procon-PB também cita os setores que mais geram queixas dos consumidores e a importância da educação para o consumo junto às novas gerações. Além disso, ela explica projetos desenvolvidos pelo órgão.

Késsia Liliana também comenta sobre as novas instalações do Procon-PB, que passará em breve a funcionar na área do casarão que serviu de moradia ao ex-presidente João Pessoa, na Praça da Independência, onde o órgão contará com salas para recepcionar qualquer tipo de consumidor, inclusive com ouvidoria, toda a infraestrutura pensada para atender mais adequadamente o público.

A entrevista

Nas últimas décadas, a relação de consumo vem mudando. O consumidor passou a entender melhor seus direitos?

Este ano foi comemorado os 30 anos do Código de Proteção e Defesa do Consumidor, e nesse período houve muita evolução. Realmente o paraibano entendeu que tem direitos, reivindica esses direitos e saiu em busca disso. Mesmo na pandemia, verificamos um número significativo de consumidores que vão em busca de tudo aquilo que ele sabe que tem a lei ao seu favor. Os cidadãos estão bem mais atentos e sabendo reivindicar. São pessoas atuantes em todas as faixas etárias, jovens, adultos e idosos, bem diferente dos consumidores de décadas passadas.

A senhora foi eleita presidente do Fórum dos Procons Nordeste?

O Fórum dos Procons do Nordeste foi implantado por mim, e para minha surpresa acabei sendo eleita por aclamação sem ser candidata, e passei dois anos na presidência. Ao término do mandato, queriam que eu fosse reconduzida ao cargo, mas eu optei por ficar na vice-presidência do fórum. O atual mandato se estende até setembro do próximo ano. Eu também faço parte da Associação Brasileira de Procons. Em 2015, fui diretora na qualidade de tesoureira e agora, estou como diretora da região Nordeste da associação, com mandato até março do próximo ano.

O que significou para a senhora ser eleita para esse cargo de presidente do Fórum dos Procons Nordeste, mesmo sem ser candidata?

Para mim, foi o reconhecimento de um trabalho de liderança. De coesão e experiência. Aqui na Paraíba sempre nos destacamos com a ideia de educar. Sempre digo que o Código é de proteção, primeiro visa proteger. E a Paraíba sai nessa referência em nível de Brasil, tendo como base a proteção no sentido de levar informação para o consumidor. Daí veio nosso destaque à frente do Procon-PB.

Quais os setores que mais geram reclamações junto ao Procon-PB?

As principais demandas que nós temos são originárias de telefonia, serviços essenciais, além das agências bancárias e casas financeiras. Esses são os problemas que mais se avolumam dentro do órgão consumerista.

Quais os índices de resolutividade?

Nosso trabalho tem resolvido muitos problemas para os consumidores paraibanos. O órgão chega a ter um índice de resolutividade de 92%. É um dado muito significativo. Só este ano na Paraíba já estamos com 27 mil atendimentos e o Procon Estadual que tem agências em oito municípios do estado, já conseguiu resultados positivos em 22 mil desses atendimentos. Além disso, o órgão nesse período de pandemia tem ajudado muitos consumidores de outros estados em razão do atendimento online.

Como deve ser a educação das novas gerações para o consumo?

A educação é de fundamental importância entre os consu-



Késsia Liliana, que está há 27 anos no Procon-PB, afirma que a pandemia está impondo uma série de desafios e dá dicas de como o consumidor pode se proteger nas compras online

Foto: Edson Matos

midores. O Procon-PB tem vários projetos para o consumo. O órgão vai às escolas, às faculdades e promove palestras gratuitas que servem como verdadeiras assessorias. Fazemos isso para que a classe estudantil entenda que o Procon não é uma indústria de multa, ele existe para harmonizar as relações de consumo. E neste sentido, a gente sempre busca educar, informar e dizer como agir. Esse é o poder de polícia que nós temos. A gente age com moderação, mas sempre visando a satisfação dos consumidores.

Que cuidados devemos ter nas compras online nesse período de fim de ano?

Com a pandemia, cresceu significativamente o número de compras virtuais. O consumidor tem que ficar atento e verificar se o site é seguro. Se ele tem um cadeado de segurança, se começa com *https*. Ele deve verificar a opinião de outros consumidores que já compraram naquele site, se a compra chegou no prazo certo e se o produto era de qualidade. Deve saber também se o site tem endereço fixo e telefone, porque em caso de algum erro, ele saberá onde questionar a compra. Ele também deve ‘printar’ toda a tratativa, porque tudo isso servirá como elementos para se proteger buscando um órgão de

proteção, ou mesmo o Poder Judiciário. Lembrando que nas compras feitas online o consumidor tem o direito de arrependimento, no prazo de sete dias contados a partir do recebimento da compra. Nesse prazo ele pode devolver o produto.

Quais os maiores problemas percebidos neste ano de pandemia em relação ao consumo?

Apesar de 30 anos de existência do Código de Defesa do Consumidor, a gente ainda esbarra na informação. Muitas vezes a maneira de informar ao consumidor não é tão clara e gera dúvidas. Então é necessário que façamos cada vez mais políticas de informação, para que o consumidor ao verificar o que ele deseja consumir, saiba exatamente o que está comprando. De nossa parte, precisamos ser o mais transparente possível.

“O nordestino é acostumado a dialogar olho no olho. Então, com a pandemia houve a necessidade de nós nos modificarmos, de ultrapassarmos barreiras.”

Qual o maior desafio para proteger o consumidor durante essa pandemia?

O desafio é grande porque o nordestino é acostumado a dialogar olho no olho. Então, com a pandemia houve a necessidade de nós nos modificarmos, de ultrapassarmos barreiras. Estamos no final do ano e foi necessário inovar e se adequar com a pandemia através das redes sociais.

Nosso principal desafio foi o atendimento on-line para não deixar o cidadão sem ajuda. Mesmo assim, entendemos que existe uma parcela da população que não dispõe de tecnologia. Para essas pessoas, abrimos as portas para recebê-los, atendendo com todas as normas de segurança e com hora marcada, para que eles continuem sendo

“Apesar de 30 anos de existência do Código de Defesa do Consumidor, a gente ainda esbarra na informação. Muitas vezes, a maneira de informar ao consumidor não é tão clara e gera dúvidas.”

bem atendidos pelo Procon-PB. Neste período de pandemia, fomos destaque em nível de Nordeste e ficamos em terceiro lugar em atividades.

E qual a expectativa com as novas instalações que o Procon-PB estará ocupando em breve?

O governador João Azevêdo, nos deu carta branca para que a gente possibilitasse a nova sede de acordo com as necessidades do cidadão. Funcionaremos no Casarão que está sendo restaurado. O mais importante é que continuaremos perto do povo, em um endereço bem localizado, perto do centro da cidade, e de uma das principais avenidas de João Pessoa, a Epitácio Pessoa.



Foto: Marco Fimentei

Foto: Agência Brasil



Adolescentes são maioria nos abrigos de João Pessoa

Grupo com idade entre 12 e 17 anos representa 46% do total; em toda a Paraíba, 52 crianças e jovens estão à espera de um lar

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Atualmente, na Paraíba, 52 crianças e adolescentes estão aptas para adoção. Desses, 28 (18,2%) estão vinculados a pretendentes. Em João Pessoa, apenas dois adolescentes estão aptos para adoção e sem vinculação a pretendentes (2,25% dos acolhidos na capital), e nove crianças se encontram em processo de adoção pelo Sistema Nacional de Acolhimento e Adoção (SNA).

A negligência dos pais, maus-tratos, abusos e situações de vulnerabilidade social estão entre os motivos que levam uma criança ou adolescente às instituições de acolhimento. De acordo com o juiz da Infância e Juventude de João Pessoa, Adhailton Lacet Correia Porto, com a chegada na instituição, é realizado um trabalho junto à família para que seja possível o retorno ao lar. Se, após as tentativas, não for possível, a última opção é

encaminhar as crianças para adoção.

Hoje, são 87 acolhidos só em João Pessoa. A maior parte deles é formada por adolescentes com idade entre 12 e 17 anos. Essa faixa etária representa 46% do público total. Em segundo lugar, aparecem as crianças com idade entre 7 e 11 anos (23%). Na sequência vêm as crianças de 3 a 6 anos (17%) e as de 0 a 2 anos (11,5%). Ainda existe uma pequena parcela de 2,5% que tem mais de 18 anos.

Em João Pessoa, há oito serviços de acolhimento, sendo sete institucionais, ou seja, quando o abrigo ocorre em instituições; e um serviço de acolhimento familiar, quando a criança é cuidada por famílias cadastradas e habilitadas no Programa Família Acolhedora. Das 87 crianças e adolescentes em abrigo na capital, 74 estão em acolhimento institucional e 13 no familiar.

Quem cuida dessas crianças é o município, e é possível fazer uma visita a elas, atra-

Foto: Pixabay



A negligência dos pais é um dos motivos que levam adolescentes aos abrigos

vés do Núcleo de Apadrinhamento Sorriso Infantojuvenil. O juiz Adhailton Lacet explicou que o interessado faz um cadastro como padrinho, na cidade de João Pessoa, e assim realiza atividades voluntárias na instituição como um todo ou apadrinha uma criança ou adolescente. É possível fazer atividades pontuais nas instituições, mas é necessária autorização prévia da Vara da Infância.

"Algumas crianças e adolescentes passam as festas de fim de ano com suas famílias, quando é possível, ou até mesmo com os pretendentes à adoção, de acordo com avaliação das equipes responsáveis. Aos que não é possível nenhuma das duas opções, priorizamos que passem o Natal com os padrinhos, com quem já possuem vínculos e que já passaram pelas avaliações e acompanhamento necessários para garantir a segurança desses acolhidos", explicou o juiz. Ele lembrou, inclusive, que

no período natalino, é possível fazer atividades de lazer nas instituições ou apenas entregar doações. Para as atividades é necessário solicitar autorização com antecedência.

O juiz Adhailton Lacet lembrou que a medida protetiva de acolhimento normalmente é aplicada até os 18 anos de idade. No entanto, em casos excepcionais, um jovem pode ficar em um serviço de acolhimento até 21 anos, e eles são preparados para enfrentar o mundo. "O trabalho dos serviços de aco-

lhimento procura fortalecer a autonomia dos adolescentes e jovens para que após o desligamento possam ter condições de ter um projeto de vida com independência", explicou.

Isso é feito através de ações de escolarização, profissionalização e convivência comunitária. Antes do desligamento, conforme o juiz, busca-se encaminhar os jovens para empregos, recebimento de benefícios sociais - auxílio alugel, Programa Bolsa Família e programas habitacionais.

/// O trabalho dos serviços de acolhimento procura fortalecer a autonomia dos adolescentes e jovens para que após o desligamento possam ter condições de ter um projeto de vida com independência ///

Adhailton Lacet
Juiz da Infância e da Juventude

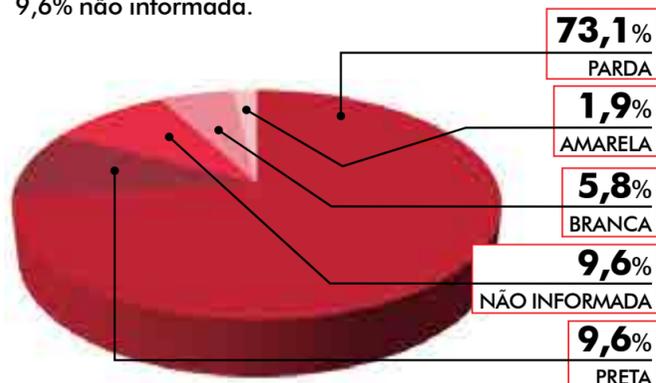


Foto: Marcos Russo

PERFIL DAS CRIANÇAS QUE AGUARDAM ADOÇÃO

■ **João Pessoa:** sexo masculino, cor/etnia preta, grupo de irmãos, sem doença detectada no momento do cadastro, na faixa etária entre 15 e 18 anos.

■ **Paraíba:** Cor/etnia - majoritariamente parda (73,1%) e preta (9,6%). Apenas 1,9% amarela, 5,8% branca e 9,6% não informada.

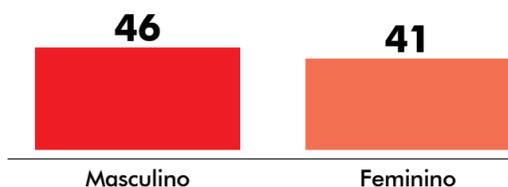


■ **Sexo:** 57,7% masculino e 42,3% feminino.

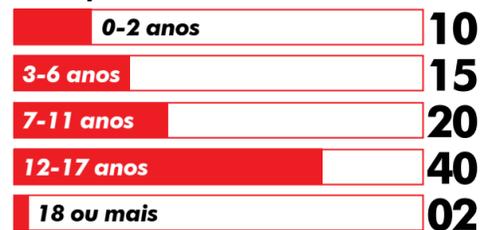
■ **Condições de saúde:** 3,8% são portadores de deficiência intelectual, 9,6% possuem alguma doença detectada no momento do cadastro e 90,4% encontram-se saudáveis. 38 crianças e adolescentes têm entre 9 e 18 anos; 14 têm entre 0 e 9 anos de idade. 32 têm irmãos.

PERFIL DAS CRIANÇAS E ADOLESCENTES ACOLHIDOS EM JOÃO PESSOA

Por sexo



Perfil por idade



Por cor



Existem grupos de irmãos.

Fonte: Juizado da Infância e Juventude de João Pessoa

Continua na página 6



▶▶▶ Continuação

Chances de um final feliz

Dedicação para que crianças e adolescentes ganhem um lar e recebam o amor que merecem é grandiosa

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Carlinhos é o filho mais velho de um grupo de seis crianças. Chegou no abrigo Casa Terra da Natividade em 2017, depois de duas tragédias na família. Ele e os irmãos foram retirados de casa porque sofriam negligência, maus-tratos, abandono. Um dos irmãos faleceu em razão da falta de cuidado dos pais, alcoólatras. Há três anos, Carlinhos e os quatro irmãos mantêm a esperança em um futuro melhor e esperam por um lar de verdade, sonho que pode se tornar realidade em breve. Os cinco estão em processo de adoção por três famílias que vão assegurar o vínculo familiar entre eles. Os dias difíceis não serão apagados, mas vão ficar para trás. Dias melhores

SERVIÇO

■ **Para doação**
O caminho para saber como fazer doações ou para quem quer saber como se tornar voluntário é o e-mail napsitjpb@gmail.com ou o Instagram [@napsitjpbjoapessoa](https://www.instagram.com/napsitjpbjoapessoa).



virão.

Quem conta a história de Carlinhos, cujo verdadeiro nome será preservado, é Nelyana Cavalcante, coordenadora do acolhimento institucional de crianças da Casa Terra da Natividade, que fica no município de Pedras de Fogo, na Paraíba, e é mantida pela Fundação Padre Pio. É lá onde o menino e seus irmãos têm sido cuidados. "Na Casa, eles recebem muito amor porque sabemos da

história de dor", comentou. A história de vida de Carlinhos e seus irmãos é de muito sofrimento. Um dia, os meninos fugiram de casa porque os pais sempre estavam embriagados e eles não suportavam mais aquela situação. A ideia era passar a noite fora até as coisas se acalmarem. Encontraram um caminhão parado e ali, embaixo do veículo, pegaram no sono. Pela manhã, quando o motorista manobrava o caminhão para seguir viagem, acabou atropelando duas crianças, uma delas morreu na hora.

Carlinhos, que já havia presenciado o assassinato do pai, viu a cena chocante e, desde então, passou a morar no abrigo. "Todos foram destituídos do poder familiar e não há mais possibilidade de retorno para a família, nem para a família extensa", afirmou a coordenadora.

Carlinhos está em processo de adoção, já com 14 anos, o que é uma graça porque é muito difícil as pessoas adotarem adolescentes. O segundo mais velho e o mais novo estão na casa de um casal em fase final do processo de adoção. A menina e o segundo mais novo também estão em processo de adoção com outra família. Essas famílias estão bem relacionadas, já se conheceram, e isso vai garantir que as crianças não percam o vínculo de irmãos".

Apesar de uma infância conturbada, Nelyana relatou que Carlinhos é um menino muito talentoso para as artes, aprendeu a tocar violino em apenas duas aulas,

assiste aulas online. Aprendeu também a tocar violão e bateria, além de desenhar muito bem. É aplicado e inteligente. "É uma história muito sofrida. Ele vivenciou toda a trajetória de sofrimento. Quando mais novo, já tinha sido colocado no Lar Jesus de Nazaré, mas depois retornou para a família. Aconteceu essa tragédia e, novamente, ele foi afastado dos familiares". Nelyana observou que, mesmo com todo o sofrimento, Carlinhos é um menino tranquilo.

A mãe das crianças, que estava grávida quando os meninos foram para o abrigo, teve outro filho e acabou sendo presa por negligência. O município estava tentando acolhimento para a outra criança, mas ela não foi junto dos irmãos, segundo a coordenadora.

Quem convive diariamente com crianças que passaram por situações de abandono, medo, acaba tomando para si parte dessa dor. "É impossível a gente não sentir a dor do outro, principalmente de criança", disse Nelyana Cavalcante, mãe de três filhos pequenos que moram com ela e o marido na Terra da Natividade.

"Sei o quanto esses que vão para lá, em diversas situações, sofrem. A gente não tem como mensurar o tamanho da dor dessas crianças. São situações de abandono, de abuso, terríveis que a gente acha que estão distantes de nós, mas estão ao nosso lado e, por isso, sempre temos que ter um coração sensível. Temos que ser firmes

na condução dessas vidas, porque eles vêm com uma carga de rebeldia, uma vida desregrada. A gente precisa educar, mas essa educação parte do amor que temos por elas", disse a coordenadora.

"Eu, pessoalmente, sofro com cada história, mas fico feliz quando essa história é transformada pela graça de Deus. É impossível não se envolver, não sofrer com cada criança que chega. É um choro, um desespero deles, e a gente tenta, de todas as maneiras, ajudá-los. A gente sabe que o acolhimento é por um período, e nada do que a gente proporcione consegue apagar ou retirar a dor ou a saudade ou o amor que eles têm pelos pais ou quem cuida. Por mais que não seja uma família estruturada ou uma mãe que não é suficientemente boa, mas é a mãe, é o laço que não se dissolve", avaliou.

Segundo ela, até que a criança se adapte e perceba que existe um futuro, algo

Quem convive diariamente com crianças que passaram por situações de abandono, medo, acaba tomando dor para si

que possa melhorar sua vida, é um longo processo. É impossível ver a dor do outro e não sentir. A vontade é tentar arrancar a dor daquela criança, mas como é impossível, a gente sofre junto. Damos amor ao máximo e tentamos mostrar para eles o que é o verdadeiro amor, um lar onde possam crescer com respeito, integridade, tentar mudar essas vidas amando, educando, evangelizando. É assim que trabalhamos, tentando mudar a vida dessas crianças através da misericórdia de Deus", acrescentou. Nelyana mora há dez anos na Casa.

Foto: Arquivo Pessoal

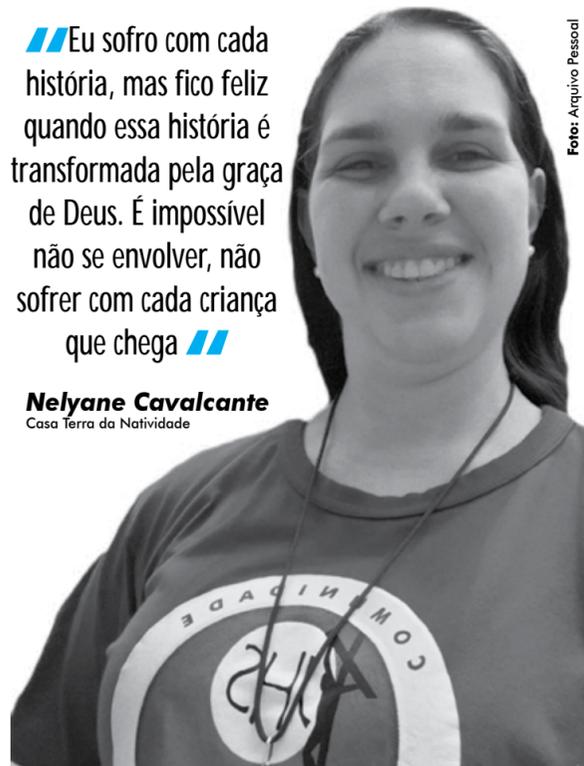
/// É impossível não sentir a dor do outro ///



Espaço de alegria na Casa Terra da Natividade, localizada em Pedras de Fogo

/// Eu sofro com cada história, mas fico feliz quando essa história é transformada pela graça de Deus. É impossível não se envolver, não sofrer com cada criança que chega ///

Nelyane Cavalcante
Casa Terra da Natividade



Hemocentro JP é referência no tratamento de talassemia

Deficiência é um tipo de anemia hereditária que provoca alterações genéticas em alguns cromossomos

Sara Gomes
saragomesilva@gmail.com

“Na década de 80 a doença era pouco conhecida. Quando eu tinha três anos, o primeiro diagnóstico que obtive foi hepatite. Aos dez anos, os médicos acharam que eu tinha anemia falciforme, pois os sintomas são parecidos. Eu vim descobrir a talassemia com 13 anos, depois de muito diagnóstico equivocado. Eu sofri muito na infância, por isso faço questão de compartilhar a minha história, levando informação à população e transmitindo apoio às mães de talassêmicos”, revelou Lidiane Camboin, 40 anos, uma das primeiras pacientes de talassemia major do Hemocentro João Pessoa. A talassemia é um tipo de anemia hereditária que provoca alterações genéticas nos cromossomos 11 e 16, ocasionando um defeito na produção de hemoglobinas.

As hemácias (glóbulos vermelhos do sangue) possuem milhões de hemoglobinas cuja função é transportar oxigênio no sangue para todo o organismo. De acordo

com a Associação Brasileira de Talassemia (Abrasta), cada hemoglobina normal é formada por dois tipos de proteínas, a alfa e a beta. A talassemia alfa ocorre quando há mutação no cromossomo 16, enquanto que a beta por mutação no cromossomo 11.

Essas mutações alteram a formação da hemoglobina dependendo do número de genes comprometidos. A talassemia beta é o tipo mais frequente no Brasil e no mundo, podendo se manifestar de três formas: menor ou traço talassêmico, intermediária e major. De acordo com o Ministério da Saúde, a forma menor produz um grau de anemia leve, assintomático, podendo passar totalmente despercebido.

Na forma intermediária, a deficiência na síntese de hemoglobina é moderada e as consequências menos graves. Já a major é a forma mais grave da doença, ocasionada pela transmissão de dois genes defeituosos (um do pai e outro da mãe). O Hemocentro de João Pessoa possui 12 pacientes com talassemia intermediária, 10 diagnosti-



Foto: Arquivo Pessoal

O Hemocentro de João Pessoa possui 12 pacientes com talassemia intermediária, 10 diagnosticados com a major e 43 pacientes com tipo menor e traço

cados com a major e 43 pacientes classificados com talassemia menor e traço.

Os sintomas da talassemia variam de acordo com a gravidade da doença, os mais comuns são: cansaço, anemia profunda, atraso no cresci-

mento, fraqueza, palidez, icterícia, aumento do baço e alterações ósseas. Diferente de uma anemia comum, a major apresenta excesso de ferro.

“O hematologista Alexandre Magno foi quem descobriu a talassemia, quando

eu estava bem debilitada. Até receber o diagnóstico correto, passei muitos anos ingerindo ferro sem poder, meu corpo vivia inchado e com dores nas articulações. Com doze anos retiraram meu baço pois a barriga es-

tava com quase três quilos. A única explicação de estar viva é Deus, pois só sabe o que é uma UTI quem já esteve lá. Apesar de todo sofrimento sou grata a ele por cada amanhecer”, lembrou Lidiane.

Cuidados necessários

Doença não interfere na vida dos portadores

Lidiane é portadora da talassemia major, o caso mais grave da doença. Seus pais têm o traço talassêmico mas não desenvolveram a doença. Ela é a única pessoa da família que nasceu com a major, entre primos, irmãs e avós. A sua filha Vitória, três anos de vida, também possui o traço, mas não herdou a anemia major porque seu pai é normal.

“Por isso a investigação genética é tão importante. Se meu marido tivesse o traço talassêmico minha filha nasceria com a forma mais grave da doença. A doutora Sandra Sibebe do Hemocentro até brinca comigo: coitado do futuro namorado de Vitória, pois a investigação familiar vai ser grande”, contou.

A hematologista, Flávia Fernandes Pimenta, enfatiza a importância de uma gestante com talassemia ser acompanhada pelo obstetra e hematologista, simultaneamente. Ela recomenda também buscar orientação genética. “A portadora de talassemia com uma forma leve, intermediária ou grave da doença que deseja engravidar deve fazer a investigação genética para calcular a probabilidade de seu filho (a) nascer com a talassemia major, a partir



Foto: Arquivo Pessoal

Lidiane Camboin e sua filha Vitória. Diferente da mãe, a menina não herdou a anemia. A descoberta foi possível através de exames.

de seu histórico familiar e do parceiro”, orientou.

O doutorando em História, Rafael Nóbrega Araújo, 25 anos, possui um grau mais leve da doença.

“Desde criança tenho problemas relacionados à anemia, que frequentemente se associava à falta de ferro. Eu era um menino bem magrinho e com falta de apetite, então. Minhas pediatras receitavam sulfato terosopara suprir a necessidade de ferro no organismo, sem falar no consumo de feijão, couve, espinafre, porém, o diagnóstico da talassemia só veio em

2011”, lembrou.

O doutorando descobriu o diagnóstico correto após um acompanhamento mais detalhado e especializado no Hemocentro Regional de Campina Grande - serviço de referência no tratamento de doenças hematológicas. “Desde então faço acompanhamento no Hemocentro. A hematologista, que me diagnosticou, informou que eu precisaria apenas verificar os índices de hemoglobina no sangue ao menos uma vez ao ano e manter uma alimentação saudável, rica em nutrientes”, afirmou.



Foto: Arquivo Pessoal

O doutorando em História, Rafael Nóbrega Araújo, 25 anos, possui um grau mais leve da doença e vem fazendo tratamento.

SERVIÇO

■ Diagnóstico

De acordo com a clínica geral e coordenadora de atendimento ao paciente do Hemocentro João Pessoa, Hellen Karla, o diagnóstico é feito através do teste de triagem neonatal, o teste do pezinho, porém, a confirmação da doença é feita através da eletroforese de hemoglobina. “Por isso é tão importante fazer esse teste. O hemograma é útil para detectar a anemia, porém não apresenta o diagnóstico. Para a confirmação, é feito a eletroforese de hemoglobina após a criança ter o teste do pezinho alterado ou suspeita de alguma hemoglobinopatia, OU o exame de PCR-biologia molecular”, esclareceu.

■ Tratamento

A hematologista Flávia Pimenta explica que o tratamento da talassemia é definido de acordo com o grau da doença. “Nos casos leves e intermediários recomenda-se a reposição de ácido fólico, vegetais folhosos e legumes in natura. Já o tratamento da talassemia major necessita de transfusões de sangue regulares e de medicação para retirar o excesso de ferro no organismo (quelantes de ferro) pois sobrecarrega os órgãos vitais.



O povo da nação potiguara deu vida à cidade de Mataraca. É entre rio e mar que seus moradores fazem do local um reduto na natureza, preservando-a e estimulando os esportes de aventura sempre procurados pelos visitantes

Tradição e turismo ecológico são as marcas de Mataraca

De origem indígena, o município é cercado de aventura, seja por mar, com passeios de bugre, ou por terra, com trilhas

José Alves
zavieira2@gmail.com

A última cidade do Litoral Norte da Paraíba, a 110 quilômetros de João Pessoa, Mataraca, que fica na divisa com o Rio Grande do Norte, tinha como ponto forte de sua economia a indústria do minério. Porém, com o encerramento dessa atividade, há pouco mais de um ano, o município se reinventou e atualmente tem como principal fonte de renda e de geração de emprego, o turismo ecológico em Barra de Camaratuba. O ambiente oferece aos visitantes uma vasta área de Mata Atlântica, praias desertas e o contato com aldeias indígenas.

Por sua beleza ímpar, Barra de Camaratuba vem despertando o interesse de empresários nacionais e estrangeiros, que planejam, com o apoio do poder público municipal, transformar o local num ícone do desenvolvimento turístico, sustentável e preservacionista.

Segundo o secretário da Indústria, Comércio e Turismo do município, José Cabral da Silveira, vendo o quanto o turismo é um nicho promissor, a prefeitura local está criando o próprio Mapa de Gerenciamento Costeiro, que faz parte da Política Nacional de Meio Ambiente. Ele afirmou que Mataraca, fundada no ano de 1963, é um dos primeiros municípios do Litoral paraibano a lançar esse mapa.

“A prefeitura está trabalhando muito neste projeto para que o município ganhe força total no turismo ecológico de praia. O mapa é de suma importância porque disciplina o que os visitantes podem e não podem

fazer ou usar em determinados pontos de Barra de Camaratuba. Uma praia que se apresenta quase sempre com maré alta, apropriada para a prática de surf”, relatou.

Cabral Silveira fez questão de revelar que uma das principais atrações do local e que encanta os visitantes é o encontro das águas do Rio Camaratuba com o mar. Ele lembra que a foz do Rio Camaratuba já é um parque ecoturístico instituído por lei. Por isso, é determinação da gestão investir no ecoturismo, e o turismo de aventura como o carro-chefe da economia do município, principalmente, pela beleza do Rio Guaju”.

Os turistas que chegam a Barra de Camaratuba também têm à disposição passeios de bugre. São 12 quilômetros de praias desertas. Nesse percurso tem uma parada “obrigatória”, na Lagoa da Pavuna, exatamente no local onde acontece a mistura das águas do rio com o mar nos momentos de altas ressacas. “No passeio, o turista também tem a opção de pousadas e hotéis, além de quiosques e restaurantes à beira-mar”, contou.

Nos passeios de bugre, através de reservas, os visitantes têm oportunidade de conhecer a casa de Pedro Poty, um antigo guerreiro índio da tribo dos potiguaras que vivia no território de Mataraca.

Mataraca foi fundada em 1963 e está criando um Mapa de Gerenciamento Costeiro no Litoral paraibano



Foto: Divulgação

Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



Foto: Divulgação



■ De cima para baixo: a Lagoa da Pavuna, a Paróquia de Bom Jesus, a praça central da cidade e a trilha Mataraca, herança dos ancestrais, são algumas das paradas obrigatórias para quem faz uma visita ao município paraibano de Mataraca.

Localização e história

Localizado na região de Mamanguape-Rio Tinto, Mataraca possui uma população estimada em 8.345 habitantes que se chamam mataraquenses. O nome provém da língua tupi e para seu significado há duas versões diferentes: o historiador Coriolano de Medeiros disse que o termo “mataraca” se originaria de mã-tarã-gui, que significaria “monte de formiga”. Já o também historiador Horácio de Almeida acredita significar “o lugar onde foi a floresta”.

Com influência da cultura indígena e a presença de uma colônia de pescadores, a população tradicional convive com a presença de veranistas e pessoas de outras localidades que adotaram o local para viver.

Dentre as manifestações populares estão a “Festa do Padroeiro Bom Jesus”, que é comemorada com nove noites festivas, no período de 23 a 31 de dezembro, levando milhares de fiéis às ruas. A tradicional “Festa de São Sebastião”, que acontece durante o mês de janeiro, também é bastante apreciada pela população local. O aniversário de emancipação política do município é comemorado no dia 17 de junho.

O Parque Ecológico do Caranguejo-uçá, projeto do município criado em parceria com os governos estadual e federal, também é um ponto turístico do município que atrai milhares de pessoas.



Foto: Divulgação

Obra costurada por memórias

Premiada 'Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias' traz um olhar crítico com sotaque nordestino

Audaci Junior
audaciauniao@gmail.com

“Somos memórias. E ponto. Essas em particular, e muitas outras, cresci ouvindo no dia a dia e em diversos encontros familiares, diversas vezes. Mas a necessidade de contextualizá-las, de compreendê-las como minha história, nasce com o tempo e com os questionamentos de identidade, de consciência, pertencimento, de real pertencimento”. Esse foi o impulso que moveu Jefferson Costa para criar *Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias* (Pipoca e Nanquim, 224 páginas), que traça uma trajetória de duas famílias às voltas com suas diferenças, tragédias, sonhos e perspectivas, construindo a sua história no Sertão nordestino durante o movimento retirante da década de 1970.

A obra que evoca temas como a ancestralidade foi indicada ao Prêmio Jabuti na categoria Quadrinhos (segunda indicação do autor, que levou o ano passado com *Jeremias - Pele*), além de ter sido o grande vencedor do tradicional Troféu HQMix, levando os prêmios de Melhor Edição Especial Nacional, Desenhista Nacional e Novo Talento - Roteirista, esta última revelada na cerimônia virtual ocorrida ontem.

“A canção ‘Sêmen’, de mestre Ambrósio, citada por vezes na obra, me trouxe uma maior inquietação sobre o tema na juventude. Pontuar a narrativa com essa inquietação era o ponto de partida para a camada necessária ao tipo de olhar crítico que proponho”, explica. “A organização da história é um capítulo à parte, porque vai além do amadurecimento profissional quanto ao domínio das ferramentas do ofício, mas do aprendizado pessoal e quanto à cultura dos povos silenciados que me constituem. Demorei um bocadinho para me sentir preparado para contar a história que precisava contar. Essa história. Com a voz dela. Ela se organizou. Ela se impôs a mim”.

Uma das características marcantes e importantes da HQ é o uso da “oralidade”, um palavreado e vocabulário por vezes “cantado” pelos personagens – como a figura da avó que reúne as crianças para pas-



Exemplo de como a história em quadrinhos usa a oralidade para demarcar uma fala legítima, singular e regional para expor o cenário histórico e sociopolítico

sar sua sabedoria através dos “causos” –, algo bem próximo do cordel ou do repente, o que foge das padronizações praticamente impostas da norma culta nas obras em geral. “Existe a cultura classicista, capacitista que diminuem e ou invalidam a voz, a opinião, a vivência e a experiência de quem não domina a norma culta, tanto na fala quanto na escrita. Dominar essas normas da escrita e da fala só aponta o privilégio e não a razão”, comenta, frisando que a sua escolha pela fala singular e regional tem o objetivo de “expor esse cenário histórico e sociopolítico, evidenciando o quanto pessoas simples são as verdadeiras protagonistas da história. A padronização em todas as mídias faz parte do projeto de cultura única. Consciente ou inconsciente, não importa... faz parte”.

Falso pertencimento

Há várias críticas sociais e reflexões apresentadas em *Roseira, Medalha, Engenho e Outras Histórias*. Um exemplo é quando um senhor, brincando com as crianças das redondezas, vai aplicar uma pena física na palma de uma delas por não cumprir a atividade. Nesse mes-

mo instante, ele acaba associando essa agressão “lúdica” com a violência da escravidão e quebra as regras, dando um beijo na mão da pequena.

“De modo geral, as pessoas não se detêm com a preocupação de entender as causas, os efeitos, e, por fim, os reflexos na sociedade do que a constitui: história e memória. Não se preocupa, não problematiza, mas reproduz”, analisa Jefferson. “Conceitos apresentados, desde uma brincadeira de criança, a comportamentos sociais se tornam tradições, repetidos de forma a naturalizar o conceito de violência, controle e poder. A reprodução de algo inocente como brincadeira de criança, se torna inconsciente popular. É onde uma ideia propagada se torna consenso popular”.

No caso específico apontado na obra, é a naturalização da violência aos corpos negros. “Naturaliza o uso de força e violência de quem detém o poder. Na mesma linha de raciocínio e escapando a outras tradições culturais, temos exemplos como a tradicional festa de 15 anos para as meninas: sem olhar para trás e entender a origem do tipo de cerimônia, não consegue entender o quan-

to naturaliza no inconsciente popular o controle patriarcal dos corpos femininos. O quanto se naturaliza conceitos a ponto de se negar direitos mínimos às mulheres, controlar elas, decidir por elas e achar isso Ok”.

Para Jefferson Costa, a nossa sociedade é constituída por falsos pertencimentos. “O falso pertencimento é a grande arma de controle de massas e destruição de culturas. James Baldwin dá um exemplo muito pertinente e direto quando diz que cresceu adorando filmes e histórias do Velho Oeste, e se identificando com o herói caubói, obviamente, porque somos ensinados a nos identificar com quem controla a narrativa, o vencedor, ou detentor de poder. Só muito mais tarde pode entender que naquela narrativa

ele seria o indígena e não o caubói. E essa percepção muda completamente tudo. Portanto, entender seu lugar no mundo como indivíduo e verdadeiro pertencimento é o primeiro passo para compreender a história. Aí eu pergunto, o que leva um preto querer sonhar em ingressar as fileiras da instituição Polícia Militar se não o falso pertencimento?”, indaga. “O que se estabelece como ‘convicções juvenis’ e falta de empatia e autoconfronto são também grandes fatores na construção da ideia de narrativa única e do falso pertencimento”.

Assim como é estabelecido com sensibilidade em *Roseira, Medalha, Engenho*, não existe identidade sem memória. “Quem ignora não sabe quem é, de fato, e num país que parece se orgulhar por sua falta de memória proposital, onde lemas de modo de vida muito populares é ‘bola pra frente’, ‘vida que segue’, ‘não importa de onde veio, mas pra onde vai’, alimenta o desdém por conhecimento e pelo pertencimento real”.



Album do quadrinista Jefferson Costa foi indicado ao Prêmio Jabuti neste ano e levou três troféus do tradicional HQMix

Jeremias: de um figurante da Turma da Mônica para protagonista

Anteriormente, nas histórias da Turma da Mônica, Jeremias era um personagem que aparecia de vez em quando nas tramas. Praticamente nunca ocupou protagonismo ou lugar de destaque, até que, em 2018, o selo Graphic MSP – iniciativa na qual se convida artistas nacionais para darem vida a álbuns estrelados por personagens da Mauricio de Sousa Produções – solicita para que os quadrinistas Rafael Calça e Jefferson Costa produzam uma história do Jeremias, que era mais como um mero figurante do que um coadjuvante.

“Sempre foi sim, um figurante”, atesta Jefferson Costa. “Quase sem falas por todo esse tempo de existência. Ele ter pouca bagagem e cânones, o que facilitou nosso trabalho de construir algo sem muitas restrições nesse sentido e partindo de nossas

vivências, o que ficou mais fácil e natural”.

O resultado foi que *Jeremias - Pele* (Panini, 96 páginas) conquistou o tradicional Prêmio Jabuti na recém-criada categoria de quadrinhos, além de ter levado também o Troféu HQMix nas categorias Edição Especial e Publicação Juvenil, e o Troféu Angelo Agostini de Melhor Roteirista (para Calça). “A nossa pegada na construção de uma personagem de 60 anos, mesmo que significativa, é uma gota”, garante Costa. “Hoje tem grande influência, de fato. O importante é saber e esperar para ver o que será da personagem nos próximos 60 anos”.

Tanto que neste mês está saindo mais um volume do selo, que é editado por Sidney Gusman: *Jeremias - Alma* (Panini, 96 páginas). O novo mote, segundo o quadrinista, é seguir com a

construção de um indivíduo consciente, através do entendimento de onde ele veio.

“A palavra desafio está em cada novo projeto para quem se cobra tanto como eu. Nesse sen-

tido, sou um cara muito chato”, admite Jefferson Costa. “Então, o que podíamos fazer é seguindo da mesma forma: dando nosso melhor. Até porque é sabido que dificilmente alcançaremos o su-

cesso midiático do primeiro por diversas razões. Isso não podia ser uma preocupação, porque é o que não está no nosso controle. O que garantimos é seguir com o nosso melhor”, conclui.



Vencedor do Jabuti com 'Pele', Jeremias volta a estrelar o álbum 'Alma', no qual seguimos acompanhando a construção de um indivíduo consciente

Sobre extraterrestres e outras histórias

Não duvido que existam outros seres inteligentes vivendo em algum lugar do Universo. As probabilidades são grandes e os planetas se encontram aos bilhões. O que nunca me convenceu foram as teorias que afirmam que já fizemos contatos com extraterrestres ou que eles estão, neste momento, entre nós.

Geralmente as experiências narradas de contato com alienígenas acontecem em situações um pouco obscuras ou no passado remoto, sendo vivenciadas por poucos privilegiados. Sempre pergunto por que uma nave espacial nunca sobrevoou o centro de uma grande cidade global em horário de grande movimento de pessoas?

Em muitos casos, alguns ufólogos se apoiam no que acreditam ser uma forma de comunicação alienígena para provar a existência desses viajantes espaciais. Entre as mais conhecidas estão os desenhos geométricos, com padrões circulares feitos em plantações, que seriam um meio que os ETs encontram de interagir com os humanos. O estranho é que seres “tão inteligentes” optem por um tipo de linguagem pouco sofisticada. O Reino Unido é, provavelmente, o país que mais registrou esses tipos de desenhos. Muitos deles, com o tempo, provaram ser farsas grosseiras. Em 1991, os britânicos Doug Bower e Dave Chorley assumiram publicamente a autoria de vários embustes.

Recentemente o ex-general israelense, Haim Eshed, deu uma entrevista inusitada sobre uma suposta relação com extraterrestres envolvendo os governos dos EUA e de Israel. Segundo conta, em Marte os EUA teriam construído uma base militar subterrânea para abrigar astronautas e alienígenas da Federação Intergaláctica. Haim Eshed chegou ainda a afirmar que Donald Trump sabe de tudo e que a sua intenção era publicar tais informações, o que não aconteceu pelo receio do presidente de causar uma histeria mundial. Seria também uma exigência dos extraterrestres que a população não saiba nada sobre eles, pois julgam que ainda não estaria preparada.

Ideias como essas são mais comuns entre líderes políticos do que imaginamos. Lembro do senador estadunidense Clairbone Pell, que era um grande apoiador de pesquisas sobre paranormalidade no Pentágono e na CIA. Ele, que faleceu em 2009, tinha um currículo interessante. Formado pela Universidade de Princeton, foi um político atuante em causas em torno do meio ambiente e um defensor do direito ao aborto, fazendo com que fosse visto por seus colegas do partido democrata como “muito progressista”.

O matemático e cético, Martin Gardner, está entre os críticos mais mordazes do senador. Ele conta que Pell ficou encantado quando viu, pela primeira vez, Uri Geller entortando colheres. O entusiasmo foi tão grande que convidou Geller para mostrar seus “poderes mágicos” no Senado. Durante anos Pell teve em sua equipe o propagandista da paranormalidade Cecil B. Scott Jones. Um ex-piloto da Marinha e ex-professor de ciência política, aficionado por discos voadores e extraterrestres – que, dizia, visitavam a Terra com frequência. Jones custava ao gabinete do senador a bagatela de 50 mil dólares anuais.

Certa vez, levou Pell para participar de um seminário de parapsicólogos. A partir daí nasceu o interesse do senador pela paranormalidade. Martin Gardner conta no livro *O Umbigo de Adão* que Jones acreditava ser possível se comunicar telepaticamente com golfinhos, fazendo algumas experiências no Texas que não produziram nenhum resultado sólido. No entanto, Jones passou a afirmar que os golfinhos poderiam ser usados para encontrar restos de discos voadores nos oceanos.

Ele também chegou a levar funcionários do Pentágono a sua casa para gravar sons de espíritos e alertou a Richard Cheney, então secretário de Defesa do governo George H. W. Bush, que os discursos gravados do presidente escondiam uma mensagem subliminar. Bastava tocar as fitas de trás para frente para ouvir a palavra: Simone. O argumento era o de que o subconsciente do presidente estava interferindo na gravação.

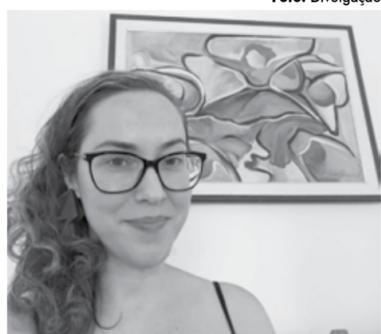
Por mais absurda, Pell achou plausível a teoria.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Ataque ao significativo ‘trabalho’ e suas repercussões

A coluna *Estética e Existência* convidou a psicanalista Débora Rocha a apresentar a síntese do seu artigo *Ataque ao Significante “Trabalho” e suas Repercussões, que foi defendido na jornada psicanalítica do Corpo Freudiano de João Pessoa. Débora Rocha trabalha em consultório e na docência da Faculdade Pernambucana de Saúde (FPS).*



Professora da FPS e psicanalista Débora Rocha

Freud nos diz que quando o sujeito está em condições de amar e trabalhar, pode ter alta. Acontece que o trabalho pode estar bem articulado ao desejo ou por demais submetido a demandas superregóicas, tirânicas. Na verdade, percebemos que as dimensões do desejo e do superego estão sempre presentes, porém, sua articulação ao trabalho dependerá do modo como o sujeito se posiciona, das exigências impostas pelo “externo” das instituições em que trabalha, do maior ou menor amparo legal ofertado pelos direitos trabalhistas.

“Todos, vós, que amais o trabalho desenfreado (...), o vosso labor é maldição e desejo de esquecer quem sois”, nos diz Nietzsche, em *Assim Falava Zaratrusta*. Em Freud, o trabalho – em sua possibilidade de satisfação parcial da pulsão – é frente onde Eros e Tânatos travam batalha incessante. Nesta guerra, na melhor das hipóteses, o poder de Eros desdobra “(...) suas forças para se afirmar na luta com seu não menos imortal adversário” (Freud, 1929-39/1996, p. 171). A pulsão é algo do qual o sujeito não pode se livrar e, paradoxalmente, é o que pode torná-lo relativamente livre ao, a partir de suas determinações inconscientes, subverter normas, sustentar seu desejo, encontrar satisfações possíveis e fazer laços no campo da cultura.

Em mal-estar na civilização (1929-30), o trabalho psíquico e intelectual através das artes e ciência surge como fonte de uma parcial satisfação pulsional que ajuda a driblar a frustração com o mundo externo. Se o trabalho pode ser fonte de sintomas diversos, por outra via, pode funcionar como recurso sublimatório, uma das saídas do sujeito em seu saber-fazer com isso de “desbaratado que é a realidade humana” (Lacan, [1955] 1985, p. 99).

Para recorte de estudo, coloco como hipótese que o ataque ao significativo trabalho, no contexto brasileiro, é empuxo as históricas relações escravocratas, tendo efeitos superregóicos no sujeito. No campo social, percebemos que o ataque aos direitos trabalhistas, que fere a dignidade do sujeito em sua dimensão de cidadão, traz uma dimensão de escravidão que retorna – ou, melhor, que nunca foi embora. As posições de “Casa Grande” e “Senzala” se repetem nas relações trabalhistas, trazendo implicações em termos pulsionais.

Após a abolição da escravatura, em 13 de maio de 1888, temos “(...) o abandono do liberto à própria sorte (ou melhor, ao próprio azar). Como todo processo de escravidão pressupõe a animalização e humilhação do escravo e a destruição progressiva de sua humanidade, como a negação do direito ao reconhecimento e à autoestima (...) libertá-lo sem ajuda equivale a uma condenação eterna (Souza, 2019, p. 79-80).

Para os grandes senhores de terra, o benefício estendeu-se a, além de serem livres de qualquer obrigação legal com os ex-escravos, escolher quem melhor explorar sem perder lucros (no financeiro e na economia sádica) com quaisquer direitos trabalhistas. Tais explorações não são incomuns na história da humanidade. Vale lembrar que esse formato trabalhista de liberdade que equivale a uma condenação eterna atingiu na época, não apenas ex-escravos, mas também imigrantes e outros brasileiros de classes sociais menos favorecidas economicamente.

Em mal-estar na civilização, Freud já advertia que o “próximo” é não apenas um ajudante potencial ou objeto sexual, mas alguém em quem o sujeito

descarrega e satisfaz sua agressividade, que tenta explorar sua capacidade de trabalho sem compensação, humilhá-lo, subjugar-lo. Em tempos de covid, isso não seria diferente. Pesquisa divulgada em novembro de 2020 mostra que a taxa de desemprego no Brasil subiu 14,6%, alcançando recorde histórico. Enquanto isso, o auxílio emergencial é ameaçado, condenando diversas famílias brasileiras a entrarem, novamente, na extrema pobreza, enquanto o Estado se exime de sua responsabilidade social.

“Ontem éramos heróis, hoje fomos demitidos”. Este é o título de um dos cartazes fotografados em matéria jornalística da Revista Fórum, sobre a demissão em massa ocorrida no hospital regional de Castanhal, no Pará, em plena pandemia. Além da queda, o coice: demissão sem aviso prévio, sem pagamento do mês em que foram demitidos, sem rescisão.

O filósofo sul coreano Byung-Chul Han nos diz que o sujeito neoliberal se autoexplora e chama isso de realização pessoal. Afunilando para o contexto brasileiro, o sociólogo Jessé de Souza nos diz que “(...) a liberdade que nosso liberalismo sempre defendeu foi a de saquear a sociedade, tanto o trabalho coletivo quanto as riquezas nacionais, para o bolso da elite de rapina que sempre nos caracterizou.” (2019, p. 119). A política neoliberal, ao priorizar o individualismo, visa, também, prescindir da dívida simbólica ao Outro (Lebrun, 2008) tendo efeitos de necropolítica, onde quem não produz dinheiro nem se torna consumidor, é excluído.

Em *Televisão*, Lacan (1972) já nos advertia que o discurso capitalista impulsiona a ascensão do racismo e da segregação, tendo efeitos de esgarçamento e ruína do tecido social. O esgarçamento das relações trabalhistas mostra bem um certo tipo de bondade humana, na qual “de boa intenção, o inferno está cheio”. Uma questão civilizatória nos resta: nos responsabilizaremos pela dignidade e futuro do trabalho?

Ao dar continuidade a essa coluna, sinta-se convidado para a audição do 294 Domingo Sinfônico, deste dia 13, das 22h às 0h. Nesta edição vamos conhecer o regente alemão Otto Klemperer (1885-1973). Baixe o aplicativo radiotabajara.pb.gov.br.

Kubitschek Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

A solidão da Rainha

Ao vê-la na tela, sua beleza e o poder de quem quis afrontá-la, uma mulher que parece tremer nos mais belos vestidos, fiquei fascinado. Como se eu nunca tivesse visto a princesa Diana. Nunca pela humilhação explícita, é claro, mas a tristeza da princesa adormecida espera por sua glória.

O retrato de um retrato, da princesa Diana, na quarta temporada da série *The Crown*, mostra que ela está viva, bem longe dos escombros do Palácio de Buckingham. *The Crown* consegue despertar o duelo da empatia e da repulsa. Quem assistir vislumbrará atitudes nobres, momentos magníficos e um ambiente cercado por riqueza, tudo isso nos intervalos deixados entre mentiras, trações e manipulação. É cruel.

As presenças marcantes da princesa Diana e de Margaret Thatcher (Primeira-Ministra), parece uma distopia, uma bela demais e a outra já desde o início do poder, se arrastando, ao que veio entender se fez bem, mas não importa. Sim, ela peita a rainha.

Esqueçam Margaret, ela é brilhante. Diana atingiu em mim uma vontade, um jogo de copas e eu não sei jogar. Com a evolução da linha temporal, um dos momentos mais esperados a estreia de Diana. Nos mínimos detalhes a gente sente que princesa só foi feliz quando morava com a família, na aldeia de Sandringham, no condado de Norfolk, até se libertar para a morte em Paris.

Lembro-me das imagens da princesa pelo mundo, fotografias de uma mulher gigante, que ganhava de toda Corte. Diana nos lugares mais longínquos, abraçada aos famintos, aos negros belos meninos da África, sem nenhuma solidão. Pelo contrário, ela batia as assas. Era tão bonita a princesa...

O casamento com Charles (o ator Josh O’Connor é perfeito) e Charles parece um otário, feito para inglês ver, não poderia dar certo nunca. Não vamos falar em Charles, sequer na Camila, Duquesa da Cornualha, com quem ele mantinha seus encontros secretos, mas antes avisados ao senhor dos recados.

Quem me dera uma quimera. Quem me dera mais sentido, mais dureza para detonar. Aliás, detonar o quê? O comportamento da família real com Diana, uma ordem numa desordem, nos mais belos anos da princesa? Sim rola um sexo atroz, mas nada fundamenta a dor de uma mulher tão bonita desprezada. Ora, por onde onde o casal passa, a multidão grita o nome dela e não o de Charmes, mas isso incomoda, a quem nasceu príncipe e mimado.

Há quem, inclusive, consiga discernir noutros quadros, outras perspectivas, mas a juventude de Diana numa justificação teórica minha, é levada pelo ralo. Tocam o terror na vida dela. E Diana reage e se revela, desde quando percebeu que o título de Princesa de Gales, não era maior que ela.

O enigma Diana, está em sua morte, no desejo perante o espetáculo da nudez. Talvez o corpo dela fosse demasiado luminoso e, como sabemos, a luz ofusca um poder mortal. Mas não seja esse o motivo da sua morte.

O ruim da quarta temporada *The Crown*, é que com a pandemia não sabemos quando Diana voltará.

Vejam bem, nada disso explica a solidão da Rainha, que eu já ia esquecendo de comentar, a solidão é tão grande que ela ficou pra semente. É tão grande a solidão da rainha, até na visita do inesperado, um homem desesperado, pula a janela e entra em seu quarto. Nessa cena, é bem visível, a solidão da Rainha Elizabeth II. O mundo acabou, majestade?

Kapetadas

1 - Para nós, que não temos uma monarquia, é bem interessante o poder que essa série tem de mostrar o simbolismo da realeza britânica e, com o passar dos episódios, o público fica convencido que a rainha está nua.

2 - Se uma pessoa te diz puxa fui assaltado não diga puxa eu já fui também porque daí você estraga o assalto da outra pessoa.

3 - Vou fundar o movimento antropofrágil.

4 - Som na caixa: “Princesa, surpresa, você me arrasou”, Caetano Veloso.

Cinema

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

Babenco indicado ao Oscar, mais uma ilusão brasileira?

A indicação de um filme brasileiro ao próximo Oscar, pelo que se sabe, ganha contornos diferenciados. Digo isso, em razão do que já se comenta nos poscênios de Hollywood, a partir da esperta rejeição da Academy of Motion Picture Arts and Sciences ao presidente Trump. Antipatia essa que, ainda segundo a mídia estadunidense, se amplia ao presidente Bolsonaro.

Essa coisa fica ainda mais clara, quando em meado deste ano, para evitar ingerência do Governo Federal na escolha do filme brasileiro para o Oscar, Hollywood determinou que a seleção deveria ser feita exclusivamente pelos cineastas e Conselho da Academia Brasileira de Cinema. No meu entender, uma decisão deveras sensata, quando se sabe existirem possíveis "comandos sujos" de gabinetes direcionados à censura de obras nacionais, como ocorreu recentemente com os documentários *Chico Buarque* e, mais ainda, sobre o revolucionário Carlos Marighella.

Independente dessa nova encenca, bloqueando habituais influências de governo na escolha de uma produção do Brasil ao Oscar, vejo que, desta vez, pode dar certo a indicação feita pela ABC. E gostaria de queimar a língua, em antecipar mais uma decepção do nosso cinema na premiação do Oscar.

Mas, em plena pandemia, pelo que entendo, há um dado novo que deve ajudar: recentemente, Hollywood adotou novo *modus operandi* - "ampliando a sua diversidade de gênero" no Conselho de Seleção dos filmes inscritos -, convidando apenas profissionais de cinema brasileiros para fazer parte da Academia. Mesmo assim, sabemos que, de há muito o cine-

ma nacional não é agraciado com a cobiçada estatueta.

Em agosto passado, pelo que informou a Academia Brasileira de Cinema, foi selecionado o documentário *Babenco - Alguém tem que ouvir o coração e dizer: parou*, da atriz e diretora Bárbara Paz. E aqui, leve-se em conta a rica biografia do cineasta Hector Babenco, que não desmerece a importância do prêmio.

Indicado ao Oscar de Melhor Direção em 1984, pelo irreverente *O Beijo da Mulher Aranha*, uma produção conjunta americano-brasileira, Babenco não conseguiu, mas seu filme levou o prêmio de Melhor Ator para o americano William Hurt, que teve na contracena o porto-riquenho Raúl Juliá, também a atriz Sônia Braga e mais alguns atores brasileiros.

Mesmo não tendo sido agraciado com o Oscar daquele ano, Babenco foi reconhecido anteriormente em outros festivais. Em 1980, ganhou Leopardo de Prata, de Locarno na Suíça, com *Pixote: A Lei do Mais Fraco*, além de outras tantas boas indicações com seus filmes *Lúcio Flávio*, *o Passageiro da Agonia* e *Coração Iluminado*. São indicações e prêmios em muitos festivais, que sempre reconheceram a importância de sua obra para o cinema nacional.

Agora, esse documentário dirigido pela atriz e esposa Bárbara Paz, uma espécie de tributo ao marido Hector Babenco, falecido em 2016, diria que o cineasta argentino-brasileiro pode ter mais uma chance... - Mais "coisas de cinema", acesse nosso blog: www.alexasantos.com.br

Foto: Divulgação



Cineasta Hector Babenco (1946-2016) em relato que lhe resgata vida e obra



Blog promove exibição de 'Poltrona Rasgada'

O blog da Academia Paraibana de Cinema, criado e administrado pelo acadêmico da APC Carlos Trigueiro (Cadeira 48), já está disponibilizando o mais novo audiovisual paraibano *Poltrona Rasgada*.

Média-metragem dirigido por dois outros integrantes da Academia de Cinema, os professores Alex Santos e Manoel Jaime Xavier, a obra resgata um fato acontecido em um dos cinemas de João Pessoa, no final dos anos 50 do século passado, e que repercutiu muito na sociedade de então, que tinha no cinema o grand debut artístico-cultural do entretenimento daquela época.

Para acessar o audiovisual *Poltrona Rasgada*, basta clicar no endereço: www.youtube.com/watch?v=hdensfYwSwg.

Fest Aruanda

Produções dos homenageados da edição estarão disponíveis on-line

O quarto dia da 15ª edição do Fest Aruanda segue com sua programação virtual, com transmissões ao vivo nas suas redes sociais, bem como o acesso às mostras na plataforma exclusiva do evento. Os filmes estarão disponíveis para exibição das 12h à meia-noite para o público a cada dia do evento. Para as sessões, basta se cadastrar no site e adquirir o ingresso gratuitamente.

Hoje estarão na grade o média-metragem *Poltrona Rasgada*, ficção de Alex Santos, e a sessão dos homenageados da edição, o diretor de fotografia João Carlos Beltrão e a diretora Vania Perazzo, cujas produções nas quais participaram respectivamente - *Ato Institucional* (dirigido por Helton Paulino), e *Por 30 Dinheiros* - também estarão à disposição.

No 2º dia da Mostra Competitiva Sob o Céu Nordestino, o público poderá acessar os curtas de ficção *Remoinho*, Tiago A. Neves, e *Pranto*, de Jaime Guimarães, bem como o longa *Aponta Pra Fé - Ou Todas as Músicas da Minha Vida*, dirigido por Kalyne Almeida, que foca a vida, os afetos e a militância das mulheres da comunidade do Porto do Capim, em João Pessoa. "Durante a construção do roteiro e dos protagonistas, cada sequência tinha como tema uma canção. O processo criativo do filme foi todo embalado em canções", detalha a dire-



Foto: Divulgação

Cena de 'Aponta Pra Fé - Ou Todas as Músicas da Minha Vida', da Mostra Competitiva Sob o Céu Nordestino

tora. "Cinema urgente: tem de fazer. Eu apoio e defendo tanto políticas públicas consistentes de fomento à atividade audiovisual quanto a arte, ao cinema que 'urge', aquele que você precisa realizar, porque de outro jeito, jamais seria convida. Como mulher, é ainda mais difícil", pontua Kalyne.

Completando a programação, o 3º dia da Mostra Competitiva Nacional terá os curtas *A Profundidade da Areia* (ES), de Hugo Reis, *Vai Melhorar* (RN), de Pedro Fiuzza, e o longa *Chico Rei Entre Nós* (SP), documentário de Joyce Prado.



Através do QR Code acima, acesse a plataforma oficial do Fest Aruanda

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertobarbosa@bol.com.br

Ecfrases poéticas

Ecfrase é uma palavra aplicada ao poema que tem, como objeto de representação, uma pintura. Dito de outra forma, o poeta, através do texto poético, faz como que uma leitura de um artista, de um quadro, de uma tela.

Por exemplo, Carlos Drummond de Andrade exhibe tal habilidade em poemas sobre Van Gogh, em seu livro *Farewell*. Murilo Mendes aprecia a riqueza e a diversidade dos pintores catalães em *Tempo Espanhol*, assim como Walmir Ayala percorre as cores, os traços e as linhas de múltiplos artistas da pintura brasileira.

E o que dizer da célebre e engenhosa ode que Federico Garcia Lorca fez para Salvador Dali? Em minha avaliação particular, uma das mais belas e penetrantes peças poéticas por onde circula a mais intensa e admirável estesia. O mesmo afirmo e sinto quando leio e releio os poemas *Herman Melville* e *Em memória de W. B. Yeats*, de W. H. Auden.

Penso também que esse método, pois a ecfrase não deixa de ser um método de leitura ou uma operação metalinguística, pode contemplar perfeitamente a leitura que um poeta faz de outro na arquitetura do poema. Há poetas, inclusive, que organiza todo um livro em torno desta técnica dialógica e criativa.

Se já me referi à obra de Murilo Mendes, que, além de poeta, foi arguto crítico de artes plásticas, vou lembrar um nome bem mais próximo de nós, Lenilde Freitas, paraibana radicada em Pernambuco, com sua coletânea *Tributos*, na qual intenta recuperar o tom e a perspectiva dos poetas de sua eleição, em textos curtos e certeiros. Paul Valéry, Anna Akhmatova, T. S. Eliot, Dylan Thomas, Vicente Huidobro, Castro Alves, Manuel Bandeira, Fernando Pessoa, Florbela Espanca são alguns dos selecionados, entre muitos outros.

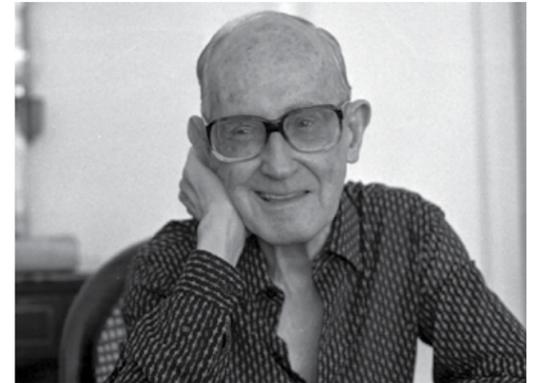
Experiência refinada de ecfrase encontro no mestre João Cabral de Melo Neto, sobretudo nos poemas em que lê Augusto dos Anjos e Graciliano Ramos, aliás, mesmo que não tenha havido intenção, fazendo um cotejo, por aproximação e distanciamento, entre os dois poetas, como sugere Ferreira Gullar em breve passagem crítica de seu famoso ensaio *Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina*. E por falar em Ferreira Gullar, não poderia deixar de sugerir a leitura de seu poema *Rainer Maria Rilke e a morte* como um modelo perfeito da ecfrase poética.

O saudoso Vanildo Brito, em seu *Memorial poético*, dedicou um poema, *Moritura Nave*, ao também saudoso Archidy Picado. Archidy, que foi poeta, pintor e crítico de artes plásticas, bastante antenado com as correntes de vanguarda aqui na Paraíba. Sérgio de Castro Pinto convoca Augusto dos Anjos para, num de seus poemas de *O cerco da memória*, render suas homenagens ao poeta do Pau d'Arco, mesclando, por entre os versos, elementos biográficos, traços imagéticos e literários daquele "que ficou sozinho / cantando sobre os ossos do caminho / a poesia de tudo quanto é morto". E José Antonio Assunção, por sua vez, em *O câncer no pessêgo*, concebe um poema sobre Borges, *El hacedor*, que me parece uma pequenina pedra de toque, como tantas que se espalham pela lírica do autor de *A trapaça da rosa*.

Estas práticas de leituras cruzadas, quando um poeta deixa-se conduzir pelo apelo de um outro, tendem a demonstrar que a arte nasce da arte, que a poesia brota da poesia, que um poema pode gerar muitos poemas.

Na dinâmica interna da criação literária, os resultados concretos também se definem pela zona de conflito, diálogos, contradições, colisões e intercâmbios disseminados em meio à luta com as palavras, comprovando, assim, o sortilégio da tradição, mas também e, simultaneamente, o fulgor do talento individual.

Foto: Divulgação



Drummond (cima) fez poemas sobre Van Gogh no seu livro 'Farewell'

Colunista colaborador

Foto: Divulgação



A equipe do João Pessoa Bravos surgiu em 2017 e tem arrematado praticantes e amantes dessa modalidade na Paraíba

Bravos tenta fomentar o beisebol na Paraíba

Equipe, sediada no bairro do José Américo, tem representado o estado em competições nacionais e regionais

Iago Sarinho
iagosarinho@gmail.com

Com cerca de 40 milhões de praticantes no mundo - de acordo com estimativas da Confederação Mundial de Beisebol e Softbol (WBSC em inglês) e da Federação Internacional de Beisebol (IBAF em inglês) - o beisebol é um dos 10 esportes com mais praticantes no planeta, mas no Brasil o esporte não surge entre os principais levantamentos de praticantes, mesmo tendo seu marco histórico em terras brasileiras datado de 1850, antes mesmo do futebol cujo primeiro registro é de 1895. Na contramão dessa história e acreditando no potencial dessa modalidade, o João Pessoa Bravos surgiu em 2017 e tem arrematado

praticantes e amantes dessa modalidade na Paraíba, assim como representado o Estado em competições nacionais e regionais.

Ainda que não tenha tantos praticantes, o beisebol é uma modalidade mundialmente conhecida, especialmente por conta de filmes e seriados norte-americanos como "O homem que mudou o jogo" e até mesmo animes japoneses como "As de diamante" - o Japão está entre os países com o maior número de praticantes da modalidade ao lado de Cuba, Venezuela e, é claro, os Estados Unidos onde o esporte surgiu. Além desses produtos midiáticos, o esporte também conta com transmissões regulares da Liga Principal de Beisebol (MLB em inglês) dos EUA em canais fechados do país.

Diante desse cenário, essa não se trata de uma modalidade desconhecida do grande público, no entanto, o beisebol nunca chegou a se popularizar no Brasil e muito menos em estados como a Paraíba. Em solo nacional, o esporte, por décadas, esteve recluso à colônia japonesa que em cidade como São Paulo mantém até hoje competições regulares, contudo, a partir dos anos 2000 com o advento das transmissões de campeonatos internacionais passou-se a verificar um crescimento do esporte no Brasil, algo que também ocorre com o Futebol Americano.

Esse crescimento é tão patente que a MLB elegeu o Brasil como um dos novos celeiros internacionais de atletas e instalou uma academia própria no país em 2017. Na última

década, cada vez mais atletas brasileiros passaram a competir em equipes norte-americanas com destaque para Paulo Orlando e Yan Gomes, campeões da Série Mundial - série final de jogos da MLB - em 2015 e 2019 respectivamente.

Presente no calendário olímpico desde os Jogos de Barcelona em 1992, o beisebol sofreu um baque importante ao ser retirado do programa de modalidades em Londres 2012, porém, a modalidade que no Brasil é regida pela Confederação Brasileira de Beisebol e Softbol (CBBS) e que possui um departamento próprio no Comitê Olímpico Brasileiro (COB), retornará nas Olimpíadas de Tóquio que foram adiadas para 2021, justamente por ser o Japão uma das maiores potências desse esporte.

+ Victor Nascimento fala do surgimento do esporte na capital

Foto: Divulgação

Bem distante dessa realidade de topo de países como os EUA e o Japão, mas movidos pela mesma paixão e empolgação pelo esporte, está o João Pessoa Bravos, equipe da capital paraibana que surgiu há três anos como uma ideia de amigos para reunir os amantes do beisebol na Paraíba. Desde então, o time tem disputado competições em nível regional e em 2019 conquistou seu primeiro troféu na Taça da Amizade de Alagoas, ficando no mesmo ano na terceira colocação na Liga Nordeste - por conta da pandemia a disputa não ocorre em 2020 - e, na última semana, a equipe disputou a Taça Natal ficando também na terceira colocação disputando com equipes do Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

O time que começou jogando em campos improvisados como o da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), hoje treina no campo anexo ao Centro Comunitário do bairro do José Américo, Zona Sul da capital. O espaço ainda não é o ideal para a prática da modalidade, mas já permite que o time possa ter uma regularidade em seus treinamentos que ocorrem todos os sábados das 13h às 16h.

De acordo com Victor Nascimento, um dos responsáveis pela equipe, a história do João Pessoa Bravos é a de um grupo de apaixonados pelo esporte que resolveu se reunir para formar uma equipe cujo foco, além de competir e representar a Paraíba em competições regionais e nacionais, é propagar o esporte e fazer com que cada vez mais pessoas possam se conhecer e praticar a modalidade.

"O beisebol é um esporte lindo, uma modalidade que traz a união, amizade e coletividade. Acreditamos que no futuro veremos alguns campos de beisebol espalhados pela Paraíba, assim como várias outras equipes se desenvolvendo. Temos enfrentado várias dificuldades, mas com força de vontade e amor pelo esporte estamos avançando e obtendo reconhecimento dentro e fora da Paraíba através do João Pessoa Bravos que tem como foco representar o nosso Estado e difundir o nosso esporte", afirmou.

Segundo Victor, os próximos passos da equipe são a organização de uma associação de beisebol para o estado - apesar da existência da CBBS, a equipe

entende que nesse momento é mais interessante fundar uma entidade própria -, para que se possa institucionalizar o esporte e com isso possibilitar um maior número de parcerias com a iniciativa privada e o Poder Público. Além disso, a equipe espera, a partir do próximo ano, investir em escolhinhas da modalidade para poder atrair crianças e adolescentes à prática do esporte e assim formar novos atletas e conquistar fãs em João Pessoa e na Paraíba.

"Além de ser um time competitivo, também temos a vontade de fazer com que o esporte seja mais reconhecido pelas pessoas e assim tenha mais espaço e apoio para a sua prática, tendo em vista que a implementação dele é bastante difícil não só pelos materiais serem caros, mas pela falta de apoio e espaços de treinamentos. Por outro lado, esse é um esporte que não possui discriminação de gênero e nem mesmo há um biotipo específico como ocorre em outros esportes, ou seja, trata-se de uma modalidade extremamente democrática. Nesse sentido, um dos projetos que temos é a abertura de uma escolinha de beisebol no futuro", disse Victor Nascimento do Bravos.



Victor diz que a criação da equipe surgiu de um grupo de apaixonados pelo esporte



Um dos projetos selecionados propõe o acompanhamento da transposição do Rio São Francisco e os efeitos ambientais e socioeconômicos, com foco na Paraíba

Projetos ecológicos da UEPB têm reconhecimento nacional

Professores paraibanos têm pesquisas selecionadas em disputada seleção de programa desenvolvido pelo CNPq

Alessandra Tavares
lekajp@hotmail.com

Para se preservar o meio ambiente, é preciso sobretudo entender as transformações da biodiversidade do planeta, analisar o comportamento das espécies e saber o impacto da ação humana nas macro e micro-regiões do país. E o estudo científico é fator inerente à obtenção de tais conhecimentos.

No Brasil, um dos dispositivos que estimula os estudos na área ambiental é o Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração (PELD), iniciativa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), entidade ligada ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

Na disputada seleção do PELD são escolhidos os projetos que possam contribuir, de forma relevante, para a produção científica, cujos resultados possam impactar positivamente na sustentabilidade, divulgação e educação ambiental. Nesse contexto, a Paraíba se destacou recentemente com dois projetos selecionados.

Nota máxima

Concorrendo a uma única vaga disponibilizada no edital PELD, o projeto "Estratégia Multidimensional de Comunicação Pública para o Programa PELD", coordenado pela jornalista, mestre em Meio Ambiente e doutora em História e Filosofia da Ciência, Alessandra

Gomes Brandão, tirou a nota máxima exigida no processo seletivo. A proposta é disseminar, por meio de plataforma digital, informações de todos os sítios PELDs do país.

"Com o Estratégia Multidimensional de Comunicação, a Paraíba será responsável por divulgar as propostas do PELD no Brasil. Isso é de uma importância nacional", frisou Roberto Germano Costa, presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq).

Alessandra Brandão afirmou que o CNPq definiu o valor de R\$ 200 mil como teto para a realização do projeto, porém, haverá a necessidade de outros aportes. "Sendo assim, buscaremos novos apoios financeiros", declarou a pesquisadora.



A transposição e os seus efeitos

O outro projeto aprovado foi o "PELD Rio Paraíba Integrado", coordenado pelo biólogo e doutor em Ecologia José Ethan Barbosa. A equipe terá como foco de estudo a bacia do Rio Paraíba, desde a nascente até a foz.

O objetivo do PELD Rio Paraíba Integrado está fundamentado em três condicionantes-chaves: o acompanhamento da transposição do Rio São Francisco, não só na questão ambiental, mas com relação ao desenvolvimento regional; o cenário das mudanças climáticas, e a integração de pesquisas com foco na sustentabilidade socioambiental e econômica voltado para o desenvolvimento da Paraíba.

"A transposição e as mudanças climáticas são temas a longo prazo, que impactam não só as questões ecológicas mas também sociais, econômicas e geopolíticas da bacia do rio e do Estado", afirmou Ethan.

A proposta contará com recursos de R\$ 500 mil e terá a contrapartida de R\$ 200 mil da Fapesq. "O PELD Rio Paraíba Integrado envolve cinco programas de pós-graduação de mestrado e doutorado que atuam com foco na área ecológica. Esse trabalho foi feito por indução da nossa Fundação, junto a algumas universidades que, de uma forma integrada, apresentou a proposta ao CNPq", destacou Roberto Germano.

O biólogo Ethan Barbosa frisou que o PELD é uma espécie de vitrine, que poderá atrair investimentos e garantir a totalidade de recursos necessários para a execução do projeto ao longo dos quatro anos em que será posto em prática.

Continua na página 14

Essas coisas

Carlos Aranha
c.aranha@yahoo.com | colaborador

Divulgação científica ainda é escassa

Não sou muito amante da ciência oficial, como ela aparece por aí - categórica, rançosa, autoritária e sem humor -, mas não ando também a querer extrair sangue ou leite das páginas de Nostradamus, nem de profetas como a dos maias.

(Nunca esqueço quando, há cerca de dez anos, algumas pessoas tentaram o suicídio por causa de uma interpretação equivocada, ou de má-fé, de que o mundo chegaria ao fim no mês de dezembro).

Considero que nessas coisas de astrologia, ocultismo, etc., é necessário haver o devido rigor na separação entre o joio e o trigo.

Há uma leva de astrólogos despreparados, seguindo métodos incorretos ou incompletos, em plena segunda década do século XXI.

Tenho lido e escutado tanta besteira por aí...

Astrologia não é brincadeira. Não é para qualquer pessoa que deseje transferir seu desejo de domínio mental (e outros domínios, inclusive



os sexuais), para um campo cósmico, universal, que leva a explicações sobre mitos dos gêneros e divindades.

É preciso cuidado ao se discutir assuntos como os de ocultismo e astrologia.

Infelizmente não há, no Ocidente, uma tradição de jornalismo científico. No final da década de 80, cá na Paraíba, Evandro da Nóbrega tentou a criação de um grupo ou entidade para desenvolver um jornalismo científico. Não deu. Não houve suficiente eco.

A divulgação científica na imprensa

brasileira continua escassa.

Ao que eu saiba, nada acontece de interessante na área, à exceção da página sobre ciência na "Folha de S. Paulo", da coluna "Atualidade científica" no "Estado de S. Paulo" e de uma página dominical no "Diário de Pernambuco".

Ver um cometa ou um asteroide a olho nu é uma aventura menor que atravessar o corpo e a alma do próximo como se o atrevimento fosse o de atravessar a si mesmo, buscando a reverificação de se realmente os raios maiores vindos de alguns planetas (como demonstra a astronomia) podem afetar até a saúde de uma pessoa (como teoriza a astrologia).

Melhorei bastante minha visão sobre esse assunto ao ler, há muito tempo, "A chave da alquimia", de Paracelso, editado pela Planeta.

Sou um dos estudiosos que optaram por confluir para os pontos de mutação e de equilíbrio entre a astronomia e a astrologia.

Mais "insights"

Gostaria de escrever com o tom da inocência ou dos inocentes. No entanto, parece que tanto ela como eles estão invisíveis.

Marcel Proust entrou no tempo, como se ele estivesse perdido. Parece-me que o tempo, assim expressado, relaciona-se à inocência e aos inocentes. Dirigi o olhar para o ponto mais distante e oscilante do horizonte e descobri que o Atlântico como os outros oceanos não recuperam o tempo. Por consequência, irrecuperáveis estão a inocência e os inocentes. Quanto à minha, é apenas uma parte da memória.

Estou viciado em horizonte. Não somente o marítimo. Apenas a sua ausência de limites, a sua falta de fim, me deixa

retroceder através de meu próprio avanço imaginário, imagético. Com isso ganho mais "insights".

Deus deixou de ser um mistério e não é necessário o papa Francisco para dar explicações ou bênçãos. Nunca compreendi tanto o Ser Maior como/ quanto nesta estação de cósmicas turbulências.

Deus e os anjos sonham. Não são sem forma(s). A reunião de nossas formas é uma das prováveis formas de Deus. Incluem-se os anjos.

Ou se é, ou não. A indecisão hamletiana não é uma questão. É uma resposta definitiva da razão ocidental, da qual Shakespeare foi uma de suas mais fiéis traduções, tradições e... traições. Charles ou Lestá? O Anjo 45 ou o vampiro? Dos dois, quem mais próximo do real?



▶▶▶ Continuação

PELD estimula conhecimento sobre biodiversidade do país

Trabalhos promovem transferência do saber à sociedade civil, além de formar recursos humanos especializados

Alessandra Tavares

lekajp@hotmail.com

Criado em 1999, o Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração (PELD) representa uma visão estratégica do Governo Federal ao articular uma rede de sítios (ecossistemas ou áreas de referência para a pesquisa ecológica) para pesquisa na área ambiental.

Atualmente, a rede PELD conta com 34 sítios de pesquisa distribuídos em diversos ecossistemas. Nesta lista há estudos na Mata Atlântica do Norte do Paraná, nas Áreas Úmidas Amazônicas, na Baía de Guanabara, no Parque Nacional das Emas, nas Restingas e Lagoas Costeiras do Norte Fluminense, entre outras áreas de referência nacional.

Por meio do PELD, o CNPq estimula a geração de conhecimento qualificado sobre os ecossistemas e a biodiversidade brasileira, promovendo a transferência do conhecimento gerado para a sociedade civil, além de formar recursos humanos especializados. Daí, sua importância para a sustentabilidade ambiental do Brasil, país conhecido por ser o mais megadiverso do mundo, abrigando em seu território cerca de um quarto da biodiversidade conhecida do planeta. Mas que, por outro lado, enfrenta grandes desafios do ponto de vista do desenvolvimento socioeconômico.

Experiência

Os coordenadores dos dois projetos paraibanos

aprovados no Programa de Pesquisa Ecológica de Longa Duração (PELD) são professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Porém, pesquisadores de outras instituições também estarão atuando nas duas propostas. O PELD Rio Paraíba Integrado, por exemplo, terá a participação de estudiosos da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e Instituto Federal da Paraíba (IFPB).

“Além disso, vamos contar com os órgãos de gestão ambiental como a Cagepa, o Insa (Instituto Nacional do Semeiário), e a Aesa (Agência Executiva de Gestão das Águas da Paraíba). Recebemos também carta de anuência da Secretaria de Estado da Educação e da Ciência e Tecnologia do Estado, onde vamos fazer atuações nas três regiões de ensino da Paraíba: Região 1, que compõe a Área Metropolitana de João Pessoa; a Região 3, em Campina Grande, e a Região 5, em Monteiro”, falou o professor Ethan Barbosa.

Já o projeto Estratégia Multidimensional de Comunicação Pública para o Programa PELD reúne pesquisadores do curso de física da UEPB de Araruna, do Departamento de Comunicação da UEPB de Campina Grande, como também do Mestrado em Comunicação da UFPB, além de integrantes do Laboratório de Aplicações de Vídeo Digital (Lavid), do Centro de Informática da UFPB.



Alessandra: projeto pretende ampliar acesso de dados gerados pelos PELDs



Ethan avaliará efeitos da transposição do São Francisco ao longo do Rio Paraíba

Fotos: Divulgação

Abrigando cerca de um quarto da biodiversidade do mundo, o Brasil enfrenta grandes desafios do ponto de vista socioeconômico



Um olhar diferenciado para o meio ambiente

Ao longo dos quatro anos de estudo, o projeto “PELD Rio Paraíba Integrado”, coordenado pelo biólogo e doutor em Ecologia José Ethan Barbosa, irá avaliar os efeitos das atividades antrópicas (provocadas pelo homem) ao longo do Rio Paraíba e analisar o comportamento de estrutura de populações biológicas, em ecossistemas terrestres e aquáticos. O professor Ethan afirmou que a eficiência das unidades de conservação na área de estudo também será avaliada.

“Pretendemos estabelecer in-

dicadores ambientais que possam ser utilizados no monitoramento da saúde ecossistêmica; analisar os efeitos socioambientais e econômicos da transposição do Rio São Francisco entre as bacias, atuar nas escolas de Educação Básica Fundamental no sentido de popularizar o conhecimento científico, propor e montar planos de restauração ambiental para as áreas degradadas”, declarou o professor.

As análises do Rio Paraíba vão se estender no trecho que vai desde a nascente, entre os municípios de

Sumé e Monteiro, passando por Campina Grande, até a foz, em João Pessoa.

O olhar diferenciado para o meio ambiente, aliado ao conhecimento científico poderá resultar em melhorias para toda a sociedade. “A importância da aprovação no PELD é fundamental. Ele não é só um grande programa de acompanhamento da biodiversidade, mas também é uma grife ambiental, que pode contribuir para a governança socioambiental e econômica do Estado”, enfatizou.

Ciência, comunicação e ecologia integradas

A professora Alessandra Gomes Brandão, jornalista, mestre em Meio Ambiente e doutora em História e Filosofia da Ciência, explicou que o objetivo do projeto Estratégia Multidimensional de Comunicação Pública para o Programa PELD é ampliar o acesso dos dados gerados pelos Programas de Pesquisa Ecológica de Longa Duração, fazendo com que eles cheguem a um público cada vez maior, entre

eles, os tomadores de decisões e a imprensa.

Segundo ela, o projeto propõe diversas estratégias no intuito de aproximar ciência e sociedade, por meio de uma plataforma que integre os dados dos diversos programas, desenvolvendo produtos como podcast, newsletter bilingue, oferta de capacitações destinadas a jornalistas e pesquisadores dos projetos, rodas de conversas com a

sociedade (presenciais e remotas), além de orientações sobre produtos para as atividades nas comunidades, a exemplo de minimuseus para atividades educativas.

“O projeto é nacional e visa apoiar a comunicação e divulgação dos PELDs. Então, boa parte das atividades se dará em ambientes virtuais, por isso, a articulação entre profissionais da comunicação, ciência da informação e ecologia”, frisou.

Toca do Leão

Fábio Mozart
colaborador

Costumes sexuais dos povos ameríndios

“Acender a curiosidade dos meus eventuais leitores, essa a razão do título impactante desta crônica. Seguindo o raciocínio de um leitor, vou acreditando que sou bom em autopromoção, por isso, busco o maior número de leitores possível, usando até mesmo esse recurso um tanto desprezível e ordinário. Advertência em um desses blogs de desocupados: ‘Prostituir’ o blog pode aumentar seu tráfego, mas gera consequências inesperadas.

É que li na internet que, se você pretende ser lido por um grande número de internautas, deve titular a matéria de forma um tanto sensacionalista. Minha experiência indica que religião e sexo são os dois assuntos que mais podem ‘bombar’ um post na internet. Em meio à assustadora onda de informações no mundo da grande rede, cedo talvez à vaidade de só tratar do meu universo, da minha aldeia. Por isso os raros acessos, mas de leitores qualificados, a maioria meus conterrâneos.

Sobre os ameríndios, li que, por não terem a mais leve noção de culpa, os cos-

tumes sexuais daquele povo eram liberais. Para esquentar a relação, rolavam bacanais e outros “recursos” entre os índios. É só o que sei.

Meu blog é coisa séria. Não tenho o intuito de agradar aos leitores, é só onda. Postei uma matéria, toda citação, a respeito da religião Vudu do Haiti, país que está na crista da mídia por conta do terremoto. Recebi uma carrada de mensagens. Posteriormente publicarei as mais contundentes e inquietantes. Creiam: a maioria das pessoas acredita mesmo que Deus castigou aquele país por causa da religião dos haitianos. O tempo não modifica nossa essência, se é que temos alguma.

Uma senhora chamada Miriam Padilha Moraes escreveu: “Acredito no sofrimento como uma forma de libertação. Aqueles que se curvaram e viram os escombros, vislumbraram a força do poder de Deus, mostrando que não devemos nos aliar a Satanás nem a bruxarias. Os que não comungam com o Diabo se mantêm vivos no poder de Deus. Vou contribuir para salvar

mais gente de lá, e para que os sobreviventes sirvam a um só Deus”. Não parece um fundamentalista islâmico falando sobre o atentado às Torres Gêmeas? Esses religiosos conservadores tornam o argumento impossível. Os senhores da Inquisição manejavam lógica semelhante.

No Haiti desabaram igrejas católicas, evangélicas, mesquitas, sinagogas e tendas de Vudu. A catástrofe é democrática. Desastres naturais ocorriam muito antes dos humanos habitarem o planeta, desde quando isso aqui era uma bola de fogo. As forças da natureza só não conseguem desobstruir as mentes dos extremistas, fanáticos e intolerantes.

Eu particularmente tenho meu próprio anticristo, causador dos males do Haiti. Os Estados Unidos invadiu o Haiti em 1915 e governou o país até 1934. Justificando a feroz ocupação, o secretário de Estado norte-americano Robert Lansing explicou que a raça negra é incapaz de governar-se a si mesma, que tem “uma tendência à vida selvagem e uma incapacidade física de civilização”. William Phillips, um dos invasores ianques, afirmou: “É um povo inferior, incapaz de conservar a civilização herdada dos franceses”. Os racistas de toda espécie, essa escória colonialista é, para mim, o diabo que inferniza o mundo”.

Esta crônica foi publicada no meu blog Toca do Leão em 2010, após o terremoto que matou mais de 300 mil pessoas no Haiti. Atualmente, lideranças religiosas fundamentalistas continuam fazendo das suas perantes a crise sanitária da pandemia. A maioria plantando desconfiância entre a razão e o pensamento religioso. Outros vendem descaradamente a fé no mercado aberto da picaretagem. Certo pastor chegou a ofertar sementes de feijão ao preço de mil reais. As “sementes abençoadas” seriam a cura para a COVID-19. Tenho para mim que a leitura distorcida da Bíblia provoca tantos males quanto a interpretação deturpada da Constituição. Os dois grupos defensores desses conceitos estão no poder. “Só Jesus na causa”, diria a irmã Zuleide.



Trabalhos realizados por reeducandos que participam de projetos de ressocialização na Paraíba: ocupação, aprendizado e oportunidade de exercer profissão fora dos presídios

Projetos oferecem chance de recomeço aos reeducandos

Com trabalho, criatividade e apoio do governo, presos ganham oportunidade de se reintegrarem socialmente

Beatriz de Alcântara
Especial para A União

A Paraíba possui, atualmente, 79 projetos de ressocialização ativos nas penitenciárias estaduais. Sua população privada de liberdade em regime fechado totaliza 8.954 pessoas; destes, 748 estão em trabalhos internos e 4.641 participam de algum dos projetos de reintegração social. Esse último número representa 51,83% do total dessa população. Além dos principais projetos, como o Castelo de Bonecas, a panificadora e a confecção de painéis de gesso em 3D, a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária da Paraíba (Seap-PB) anunciou novos planos para contribuir com uma reinserção social efetiva, como a perspectiva de instalação de oficinas de corte e costura e também a implantação de 64 laboratórios de informática voltados ao ensino a distância de 230 cursos.

O secretário Sergio Fonseca destacou que a inauguração do Escritório Social, que aconteceu em agosto, foi uma decisão que impactou positivamente o processo de reintegração social. O escritório é uma parceria do Governo do Estado com o Tribunal de Justiça do Estado da Paraíba (TJPB) e Conselho Nacional de Justiça (CNJ). "O equipamento tem o papel de fomentar políticas públicas voltadas aos egressos do sistema prisional. Convênios para a formação de uma cooperativa de trabalho foram assinados pelo governador e mulheres privadas de liberdade participam de uma cooperativa de trabalho", disse ele.

Castelo de Bonecas

Na Penitenciária Feminina Júlia Maranhão, em João Pessoa, existe um dos principais projetos de reintegração

social do Estado, o Castelo de Bonecas. As reeducandas confeccionam bonecas e parte dos recursos das vendas é revertido para essas artesãs. O projeto existe desde 2012 e é uma das atividades de ressocialização de referência na Paraíba. É também lá que acontece o projeto Maju, de confecção de bolsas. No início da pandemia, as apenadas da Penitenciária Júlia Maranhão e de outras unidades do estado passaram a confeccionar máscaras, contribuindo diretamente no combate ao contágio pelo novo coronavírus.

"Quando eu cheguei aqui, foi como se o mundo tivesse acabado para mim, mas aí, eu conheci o projeto Castelo de Bonecas e tive a sorte de poder participar. Está sendo um momento de recomeço porque eu tenho a oportunidade de costurar e aprender uma profissão e posso sair daqui com uma oportunidade de um novo começo, fora que eu posso ajudar meus filhos que estão lá fora. Meu sentimento é de gratidão, pois eu entrei aqui traficante e vou sair uma artesã", contou Célia Fernandes, uma das reeducandas da Penitenciária Feminina Júlia Maranhão.

Outro incentivo à reinserção social e ao mercado de trabalho para as mulheres surge através do Empreender Mulher - Reintegração Social, que lançou linhas de crédito a fim de auxiliar essas paraibanas em regime semiaberto e egressas do sistema prisional a se lançarem no mercado empreendedor. Segundo o secretário da Seap, Sérgio Fonseca, já há 20 reeducandas aptas ao crédito, que, a partir dele, poderão trabalhar e "construir uma nova história", pontuou ele.

O "Hortas para a Liberdade" é um projeto de extensão da Universidade Federal da Paraíba que atua na cadeia municipal do município de Solânea, no interior do Estado. Ligado ao Centro de



Projetos implantados pela Secretaria de Administração Penitenciária permitem que os reeducandos conheçam técnicas de artesanato, de fabricação com gesso e marcenaria, ensinando uma profissão aos participantes

Ciências Humanas, Sociais e Agrárias, do Campus III da UFPB, o projeto já existe há quatro anos e teve início na cidade de Bananeiras. A ação propõe o plantio e cultivo de hortaliças como forma de educação profissional e reintegração social. Atualmente, os reeducandos de Solânea não só plantam e cultivam, como produzem molhos e conservas que são disponibilizados para vendas através da Seap-PB.

Em São João do Cariri, na cadeia pública municipal, existe o projeto Marcenaria Criativa Esperança Viva.

Através da produção de peças rústicas de madeira, os reeducandos adquirem conhecimento profissional prático na área, possibilitando a reinserção no mercado de trabalho depois do cumprimento da pena.

O projeto Esperança Viva também possui uma Panificadora, que atua na Penitenciária de Segurança Média Hitler Cantalice, em João Pessoa. A produção diária é de mais de dez mil pães, que são distribuídos nas unidades prisionais de João Pessoa, Santa Rita e Bayeux. O projeto é um dos mais an-

tigos do Estado, e existe desde 1978.

É também na capital paraibana que o projeto Gesso Esperança Viva trabalha na confecção de painéis de gesso em 3D, na Penitenciária de Segurança Máxima Criminalista Geraldo Beltrão. "Temos seis apenados que trabalham aqui na unidade. A cada três dias de trabalho, eles diminuem um dia na pena e recebem um provento de 30% do valor de venda do produto, que vai direto para uma conta que a família administra", explicou o diretor José de Arimatéia Figueiredo. "É um material com acabamento muito sofisticado, atende um nicho de mercado bem diferenciado e consegue alcançar todas as classes, pois o valor comercial

é bem abaixo do mercado. A Gerência de Ressocialização nos reporta a produção, nós fazemos e entregamos", completou ele.

Segundo o diretor, projetos como esse possibilitam um novo futuro para esses reeducandos. "Eles estão tendo um amparo profissional, pois já saem com uma profissão formada para tentar a reinserção no mercado de trabalho. Eles saem com uma nova perspectiva, com uma nova profissão. Alguns deles montam até o próprio negócio", ressaltou.

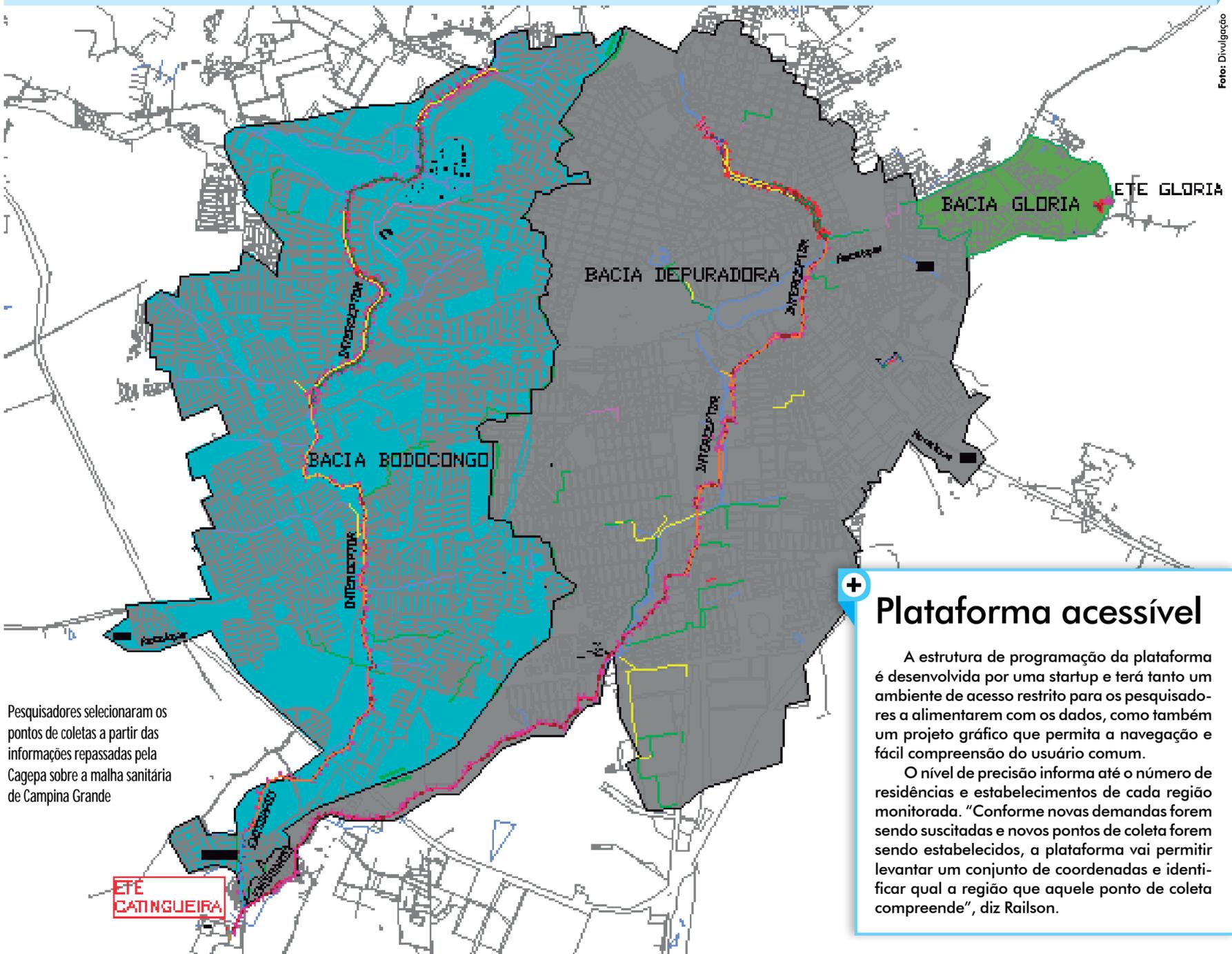
Também na capital, no bairro de Mangabeira, a Penitenciária Desembargador Silvio Porto desenvolve o projeto Calçados para a Liberdade, uma fábrica de sandálias que existe desde outubro de 2019.

+ Os cinco pilares

As ações voltadas à ressocialização dos apenados da Paraíba ganharam força com a criação da Gerência Executiva de Ressocialização, em 2011. Integrando a Seap-PB, a GER constrói o programa "Cidadania é Liberdade" que desenvolve atividades com base em cinco pilares: educação, trabalho, saúde, família e cultura.

Segundo dados da Seap, existem 1.984 reeducandos estudando nas unidades de regime fechado atualmente, desde Ensino Fundamental ao Ensino Médio. O secretário Sérgio Fonseca destacou que a ação é uma parceria com a Secretaria de Educação da Paraíba. "O primeiro Plano Estadual de Educação em Prisões foi uma ação em parceria com a Secretaria de Estado da Educação, Ciência e Tecnologia, implantado no mês de outubro deste ano, por uma comissão que debateu e o elaborou. Dentro da rede regular de ensino, o plano vai ofertar ensino profissionalizante para inserir as pessoas privadas de liberdade no mercado de trabalho e na sociedade", disse ele. Relativo à área da Cultura, existem projetos que desenvolvem aulas de educação musical com bandas.

A Saúde teve atenção dobrada este ano, em razão da pandemia da covid-19. Segundo Sérgio Fonseca, "os programas de saúde penitenciária, mesmo em meio à pandemia, foram ampliados de 11 para 20 unidades prisionais. Isso é uma cobertura de 65% da população carcerária que tem acesso à saúde dentro da sua própria unidade prisional. E a meta da Seap é em breve ter uma cobertura de 100%", disse.



Pesquisadores selecionaram os pontos de coletas a partir das informações repassadas pela Cagepa sobre a malha sanitária de Campina Grande

Coronavírus será mapeado a partir da rede de esgotos

Projeto de pesquisadores da UEPB, em parceria com UFCG e Cagepa, alimentará plataforma com dados em tempo real

Renato Félix
Especial para A União

Com os números de infectados e de mortes voltando a subir diariamente, em um ambiente onde ainda estão incluídos os portadores assintomáticos e a consequente subnotificação, é cada vez mais necessário identificar quais os locais mais afetados pelo novo coronavírus. Um projeto de pesquisadores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em parceria com colegas da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e com o apoio da Companhia de Água e Esgotos da Paraíba (Cagepa), busca fazer essa identificação e monitoramento em Campina Grande, através do

estudo da malha sanitária. Ou seja: o esgoto.

Os resíduos despejados nos vasos sanitários, que todos usamos, são reveladores. “O material metabólico que aparece na rede é um retrato fiel das águas residuárias domésticas. Quem revela o que aparece numa rede são os nossos esgotos”, contou o professor José Tavares, que lidera a pesquisa “Mapeamento georeferencial e disseminação da covid-19 em águas residuárias de Campina Grande-PB”, a MGeoCov2-CG, comentou no Ciência & Ação (<https://bit.ly/2W7ISgk>), programa apresentado às quartas-feiras no canal da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (FapesqPB).

Tavares é professor da UEPB, dando aulas de Engenharia Sanitária e Ambiental e no programa de Pós-Graduação em Ciência e Tecnologia Ambiental da universidade. É formado em Engenharia Química pela UFPB, e tem mestrado em Engenharia Civil pela UFPB e doutorado na Escola de Engenharia São Carlos, em São Paulo. Também participou do programa Railson de Oliveira Ramos, aluno de pós-doutorado que também participa da pesquisa. Eles conversaram com Luzia Medeiros, assessora técnica da Coordenação de Programa e Projetos da Fapesq.

O estudo dos esgotos para rastrear moléstias não é algo de hoje: data pelo menos de 1854, no Reino Unido. O médico John Snow conseguiu ali monitorar um devastador surto de cólera em Londres, descobriu como a transmissão da doença acontecia, e ajudou a evitar ainda mais mortes. Hoje, diversos países buscam ocorrência do Sars cov-2 nas redes de esgoto, após pesquisadores holandeses detectarem o novo coronavírus no esgoto de Amsterdã.

Em Belo Horizonte, pesquisadores encontraram o vírus dessa maneira em maio. “Isso de fato estimulou a necessidade de compreender também como se comporta a Sars cov-2 na Paraíba”, diz o professor. A pesquisa da UEPB, financiada através do edital Covid-19 da Fapesq, busca então aplicar esse rastreamento em Campina Grande, assim como o

potencial de transmissão, a partir de pontos estratégicos selecionados a partir de um estudo da malha de esgotamento sanitário fornecida pela Cagepa. E daí fornecer indicadores epidemiológicos e georeferenciais que direcionem ações de combate à doença.

Foram selecionados, assim, quatro pontos de coleta. “Foi avaliada a confluência dos esgotos que passam por cada um desses pontos, de modo que cada ponto de coleta desse possa representar um conjunto de regiões que se deseja monitorar”, explica Railson. “São localidades nas quais a população está mais vulnerável do ponto de vista social, ambiental e econômico”, conta José Tavares. “Nessa vulnerabilidade teoricamente se tem maior possibilidades de contaminação”.

Os dados serão disponibilizados em tempo real em uma plataforma online. “É uma ferramenta analítica que será útil não só na pandemia da covid-19, mas que poderá ser empregada em outros surtos de doenças, de outras endemias e pandemias de forma geral”, afirma Railson. “É um recurso muito amplo e que, com certeza, vai ser bem explorado futuramente”.

Da coleta das amostras, o processo envolve uma filtração, a identificação da concentração da carga viral, a extração do RNA viral (um ácido nucleico, como o DNA). Depois disso, uma detecção quantitativa do RNA viral para, enfim, o sequenciamento

de informações do genoma viral.

Coleta de amostras

A Cagepa forneceu os dados do sistema de esgotamento sanitário de Campina Grande, com basicamente três bacias onde as coletas são feitas: a Leste, a Oeste e a do Glória. A Bacia Oeste, também chamada de Bodocongó, tem cerca de 160 mil ligações. Um ponto mais ao norte foi escolhido para a amostragem, abrangendo localidades como a Vila dos Teimosos.

Outro ponto selecionado foi a Estação de Tratamento da Catingueira, que recebe esgoto tanto da Bacia de Bodocongó, quanto da Bacia Leste (conhecida como Depuradora), somando cerca de 124 mil ligações. A Bacia do Glória reúne cerca de 3 mil ligações. As 127.121 ligações somadas correspondem a 343.226 pessoas.

Os pesquisadores que realizam a coleta precisam estar equipados com EPIs para um trabalho manual que dura quatro horas. “O tempo de coleta é importante. Deveria ser o máximo possível – se

pudesse ser 24 horas, seria mais interessante”, defende Tavares, mas alertando que a questão financeira impede tanto tempo de coleta. “Quatro horas de tempo de amostragem pode ser baixo, mas o pessoal que trabalha em Minas Gerais também está usando quatro horas, que é o mais razoável”. O material é preservado a 4°C.

Além da presença da carga viral no material coletado, a pesquisa também procura definir a viabilidade do vírus em função da temperatura, a eficiência da remoção em diferentes processos de tratamento, além de saber as condições mais precisas de coleta e preservação das amostras.

Os resultados permitem não apenas a identificação de regiões específicas atingidas pelo vírus, mas também fazer a relação entre a confirmação do vírus no esgoto e os casos confirmados. Diferenças podem apontar para os casos assintomáticos e para a subnotificação resultante. Também será possível fazer uma relação entre a concentração do vírus no esgoto e a vulnerabilidade das comunidades.



O professor José Tavares, da UEPB, lidera a pesquisa

Foto: Divulgação

Foto: Divulgação

PURPLE IGUANA INVESTMENTS
M&A | EQUITY PARTNERS
New Office - João Pessoa - PARAÍBA
Avenida João Carlos da Silva, 221
ALTIPLEX José Olimpio da Silva - Sala 1802 - Bloco B
Altiplano Cabo Branco - CEP 58046-005
Contato: +55 (83) 9 8884-9952 / +55 (11) 3234-5999



Foto: Amanda Viana/ Cia Boca de Cena



Foto: Gabriel Viana/ Cia Boca de Cena



Foto: Gabriel Viana/ Cia Boca de Cena



■ Da esquerda para direita, o personagem Nininho (um menino arteiro), o casal Anita e Tuca, além de um flagrante da apresentação da Cia Boca de Cena; mapeamento realizado em parceria com o Governo do Estado apontou que muitos bonequeiros idosos estão morrendo e o ofício não está sendo passado para as próximas gerações

Babau: só resta uma dezena de mestres bonequeiros vivos!

Arte paraibana secular e tombada como bem imaterial pelo Iphan "pede socorro" devido à redução de artistas locais

Lucilene Meireles
lucilenemeirelesjp@gmail.com

Babau, na Paraíba; Mamulengo, em Pernambuco; Cassimiro Coco, no Maranhão; João Redondo ou Calunga (Rio Grande do Norte) são variações do nome do teatro de bonecos. Sim, aqueles em que o dono da voz se esconde atrás de uma cortina, dando vida, movimento e identidade própria a cada personagem. A arte vem do interior do Nordeste e é tradicional em várias cidades do país, fazendo rir,

chorar e até refletir sobre situações do cotidiano. Por sua importância para a cultura, a tradição foi oficialmente reconhecida como patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan, em 2015. Porém, a arte "pede socorro" para se manter viva.

Apesar de ser um bem imaterial, alvo da ação de proteção, o ofício está ameaçado e, mesmo ainda resistindo em muitos locais, corre o risco de ser extinto. Os mestres idosos estão morrendo e não há estímulo para passar o saber de geração em geração. Além

disso, há pouco apoio dos gestores à cultura. Um mapeamento realizado em 2016 pelo grupo teatral Companhia Boca de Cena, em parceria com o Governo da Paraíba, constatou que, à época, existiam 15 mestres bonequeiros, dos quais três faleceram pouco antes e durante a pesquisa.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), em seu site oficial, o teatro de bonecos popular do Nordeste não é um brinquedo ou um traço do folclore. Envolve a

produção de conhecimento criativo, artístico e com uma forte carga de representação teatral. Por sua originalidade e tradição, foi registrado como bem imaterial no Livro Registro de Formas de Expressão do órgão. Em 2016, o Iphan lançou edital de premiação para os mestres, priorizando os mais idosos. Entre os selecionados, estão nomes como João Cesário Venâncio (Mestre Araújo), Antônio Alves de Oliveira (Mestre Mingau) e Luis Marinho dos Santos (Mestre Luis Babau).

A diretora de pesquisa da Cia Boca de Cena, Amanda Viana, afirmou que está cada vez mais escassa a presença dos mestres bonequeiros e, mesmo assim, eles ainda chamam a atenção por onde passam. "É uma atividade muito de zona rural. Fizemos um mapeamento parcial e constatamos que são poucos hoje. Nós fazemos projetos de salvaguarda para manutenção dessa brincadeira e, embora não trabalhemos especificamente com o babau, percebemos que as pessoas ainda têm

muito interesse em todos os lugares", declarou.

Desde 2015, quando o teatro de bonecos foi reconhecido como patrimônio cultural do Brasil, as ações para manutenção dessa linguagem vêm sendo fortalecidas com vários projetos. Na pandemia, várias ações têm acontecido para ajudar os mestres do interior, entre eles, o edital da Lei Aldir Blanc. A Cia Boca de Cena é um grupo de teatro de bonecos do bairro de Mandacarú e existe há mais de 20 anos.

+ Convênio do Estado

Embora não haja um trabalho específico voltado ao teatro de bonecos, o Governo da Paraíba, por meio da Secretaria de Cultura (Secult), busca contribuir para evitar que a tradição seja extinta e estuda uma forma de contribuir com fortalecimento da cultura popular. Um dos avanços, conforme Mariah Marques, gerente executiva de Articulação Cultural da Paraíba, foi o convênio com a Cia Boca de Cena para o mapeamento no estado.

"A perspectiva é saber onde estão os mestres para que possamos direcionar uma política pública. É um desafio ainda, e o governo está interessado em fazer algo a mais por eles. Estamos traçando uma política de como vamos chegar nesses mestres. Muitos não sabem cobrar pelos shows que fazem. Após a pandemia, nossa preocupação é como vamos encaminhar e como vamos trabalhar, tendo como prioridade a cultura tradicional, e o babau é muito forte", observou.

Ela destacou que alguns mestres foram contemplados na Lei Aldir Blanc, mas lembrou que existe uma grande dificuldade em manter essa tradição, situação que se tornou ainda mais difícil durante a pandemia. "Estamos estudando como será feito um trabalho específico com o brincante, o babau. Essa demanda é muito forte e a gente precisa rever, porque são mestres já de idade", constatou.

Mariah afirmou que não há outro meio de ajudar, por enquanto, a não ser contemplando-os como mestres para que façam oficinas. "A Lei Aldir Blanc vem para ajudar e não temos contrapartida deles, exceto um vídeo que fizeram. Neste vídeo, conhecemos cada um, eles falam de suas trajetórias, como começaram. Na Secult, trabalhamos a cultura popular como um todo. A gente tem dificuldades porque temos que ter alguém que faça com que eles concorram nos editais", comentou.

O diretor de Ação Cultural da Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope), Sandoval Nóbrega, afirmou que a Prefeitura da capital apoia a cultura popular de uma forma geral, mas não há um trabalho específico em relação aos mestres bonequeiros. Para ele, faltam políticas públicas nacionais voltadas para a preservação do patrimônio imaterial. "As políticas de preservação e apoio ainda são muito escassas. É lamentável que, apesar da tradição que têm os mestres bonequeiros, os bonecos do babau, não haja esse apoio do Governo Federal".

Ofício executado com amor e resistência

Em 1984, Clébio Martins Bezerra (o Mestre Clébio do Babau) e o irmão Clóvis criaram o grupo de teatro chamado 'Os bonecos chegaram'. Crias do Mestre Chaves – já falecido – eram chamados de 'Os meninos do babau'. As apresentações sempre aconteciam em sítios e escolas no município de Guarabira. A dupla chegou a participar do Primeiro Festival de Bonecos, no Sesc, em João Pessoa, e apresentou o babau na Festa das Neves, São João, Circuito das Praças, Parque da Lagoa.

A partir do ano 2000, Mestre Clébio passou a se apresentar também como ventríloquo, mais voltado para os adultos, mas ainda mantém o trabalho como mestre de bonecos. "O babau é para fazer rir, mas essa arte tem perdido um pouco o espaço com o passar do tempo, inclusive a tradição de passar de pai para filho. Eu amo, gosto de bonecos, de fazer as pessoas rirem, mas meus dois filhos não se interessam", lamentou.

Ainda segundo Clébio, os bonequeiros estão se acabando junto com sua tradição. "Estamos enfrentando dificuldade. Antigamente, quase toda cidade tinha um bonequeiro. Naquela época, não existia celular, televisão, tinha cinema, mas o pessoal não podia ir. Então, a atração principal era a cultura po-



Foto: Arquivo particular de Mestre Clébio

A partir de 2000, Mestre Clébio passou também a se apresentar como ventríloquo

pular, o babau, a lapinha, a ciranda. Quem assiste hoje gosta muito, recorda os tempos antigos", relatou.

Para Clébio, também faltam incentivos dos meios públicos. "Hoje nós brincamos por amor. Somos do tempo em que chegamos a uma escola e cobramos R\$ 2 de cada aluno para uma apresentação. No

sítio, passamos o chapéu e recolhemos algum trocado, mas os artistas hoje, se não tiver um cachê, não vão", constatou. Para ele, falta esse estímulo para incentivar os mestres bonequeiros, o que faria com que mantivessem essa cultura viva e ainda garantiria uma renda melhor. "Antigamente, dava para viver disso,

mas hoje não. E agora, por conta da pandemia, parou tudo", lamentou.

No município de Mari, João Hélio da Silva, o Hélio do Babau, se apresenta há 20 anos, mas segundo ele, faltam recursos para incentivar o babau. "Hoje não é uma profissão que dê para viver dela. Se for depender só disso, a gente passa fome", disse ele, que também produz os bonecos com a ajuda dos filhos. Uma de suas bonecas, inclusive, foi usada pelo cantor Mano Walter numa apresentação em Belém de Caiçara.

As apresentações de Hélio do Babau aconteciam nas escolas, abordando temas diversos com os estudantes, mas o trabalho parou por conta da pandemia. Ele afirmou que conta com uma ajuda da prefeitura local, mas é insuficiente para sustentar a família. Por isso, precisa trabalhar como motorista de ambulância.

"Está faltando mais facilidade. A gente fala com pessoal da cultura e ninguém resolve. Tenho caixa de som, fone, meus bonecos, em tudo tenho gasto. Tenho uma boneca que é médica e ensina escovar os dentes, as crianças adoram. Fora a ajuda da prefeitura, não tenho de mais ninguém. Faço apresentação e recebo pouco. Se houvesse incentivo, teríamos mais espaço", completou Hélio do Babau.

Clóvis de Melo

Quando Jornalismo e poesia andam de mãos dadas

Hilton Gouvêa
hiltongouvearaujo@gmail.com

O jornalista, radialista, advogado e poeta Clóvis de Melo Azevedo nasceu no dia 5 de setembro de 1940 no Sítio Cumarus, em Pedra Lavrada (na época, distrito de Picuí), município localizado na região do Curimataú paraibano, a 258,5 km de distância de João Pessoa. Atuou como radialista e radioator em emissoras de Campina Grande e passou pela radiofonia pernambucana. Ele também foi colunista do Jornal da Paraíba e docente da Fundação Universidade Regional do Nordeste (Furne). Paralelamente, deixou ainda várias obras como escritor.

Clóvis de Melo veio para Campina Grande em 1958, a fim de servir o Exército. Na cidade, foi inspetor de disciplina do Colégio Pio XI. Começou a trabalhar na Rádio Caturité, em 1963, após realizar teste de locução dirigido pelos radialistas Pinto Lopes e Severino Félix. Na ocasião, foi solicitado ao jornalista que lesse os nomes dos jogadores da seleção de futebol da antiga Tchecoslováquia. “Ele não sabia da pronúncia, nem o diretor que o examinava”, conta seu filho, o médico Clóvis Alberto, atualmente, residindo em Recife (PE).

Na sua trajetória no rádio, foi locutor e apresentador, passando a acumular as funções de produtor, repórter e diretor artístico. Apresentou os programas ‘A tarde é Sua’ (aos sábados), ‘Brasil de Norte a Sul’ (aos domingos), ‘Forró da Taba Lascada’ (no sábado à noite), ‘Postal Sonoro’ (diariamente, à tarde), além do policial ‘Dramas da Cidade’, que permaneceu no ar por mais de vinte anos, na Caturité. Ele trazia atrações jornalísticas, fazia transmissões externas de eventos comerciais e políticos e participava da radionovela ‘As aventuras do Flama’, na qual fazia o personagem Bolão.

Além de forrozeiro, era poeta popular e declamador, com trabalhos divulgados nas rádios Borborema, de Cam-

pina Grande; Clube, do Recife (PE); e Integração e Jornal, de Sousa. Igualmente, colaborou nos jornais Correio da Paraíba, Gazeta do Sertão, Jornal da Paraíba e A Defesa, este último um semanário da Diocese de Caruaru, em Pernambuco. Entre 1964 e 1965, foi vereador em Pedra Lavrada, sem abandonar o rádio, sua grande paixão.

Em Pernambuco

Em 1972, Clóvis foi aprovado em concurso público para o Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 11ª Região, no Recife. Assumiu suas funções em Macau (RN), sendo, posteriormente, transferido para a cidade do Cabo (PE), onde ficou por mais de um ano.

Na sua trajetória no rádio, foi locutor e apresentador, passando a acumular as funções de produtor, repórter e diretor artístico

Sua passagem pelo Rádio Caruaruense, em Pernambuco, aconteceu em 1974, quando ele trabalhou na cidade como advogado da Justiça do Trabalho. Ele atuou no município, inicialmente, na Rádio Cultura do Nordeste, apresentando notícias policiais, ao lado do repórter Tavares Neto.

Foi também em Caruaru que a polícia matou um indivíduo conhecido como Gago da Manola, crime que chocou a população local. Clóvis, ignorando o perigo, acabou descobrindo tudo e divulgando. Por causa disso, passou a receber ameaças, a ponto de ir para casa à noite escoltado pelo diretor da emissora, José Almeida.

Filho de Joaquim de Melo Azevêdo e de Sebastiana de Azevêdo Santos, Clóvis de Melo tinha sete irmãos – seis homens e uma mulher. Casou-se, em 1966, com a advogada e contadora Maria das Neves Vieira de Melo, já falecida. Com ela, teve os filhos Paulo Sérgio, Clóvis Alberto e Ana Paula Vieira de Melo, que lhe deram nove netos. Ele morreu em Campina Grande, em 22 de fevereiro de 1996.



Foto: Arquivo de Gilson Souto Maior

Autor de obras literárias e professor universitário

Depois desse episódio de ameaças, que ocorreu quando atuava como radialista em Caruaru, Clóvis de Melo se transferiu para a Rádio Difusora, onde apresentou diversos programas. Durante esse tempo, vinha passar os finais de semana em Campina Grande, atuando na Rádio Caturité, até voltar para a Rainha da Borborema de vez, em 1975.

Escritor competente, publicou as obras ‘O Sertão em poesia’ (poemas matutos, em 1967) e ‘Lei do Mundo’ (crônicas, em 1974). Deixou ainda inéditos os livros ‘Mundo Novo’ (estórias de engenharia, tendo como foco o Coronel Cunha Lima, da cidade de Areia, na Paraíba); ‘Lei do Mundo’ (volume II); e ‘Poemas do sertão’.

Em 1987, Clóvis lecionou no Curso de Comunicação Social da Fundação Universidade Regional do Nordeste (Furne), instituição considerada embrião da atual Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Em 5 de maio de 1991, ele concedeu entrevista ao Jornal da Paraíba, veículo do qual foi um dos primeiros colunistas da seção ‘A Lei do Mundo’, falando sobre a então crise no jornalismo radiofônico devido à falta de redatores de notícias. “Hoje a conversa é ler jornal no rádio. E isso é ruim. Primeiro, porque a notícia é velha. Segundo, porque a linguagem de rádio é uma, a de jornal é outra”, afirmou na ocasião ao jornalista Chico de Assis, que o entrevistou.

Dotado de um bom humor que se destacava, Clóvis também rela-



Foto: Arquivo de Gilson Souto Maior

Clóvis de Melo foi docente de Comunicação Social da Furne, embrião da atual UEPB

tos casos curiosos de sua carreira, quando foi entrevistado pelo Jornal da Paraíba. “Naquele tempo, o radialista era uma figura muito forte para as moças. Era quase como os atores de TV de agora. Jovens chegavam emocionadas perto da gente. Lembro que uma me fazia a imagem de um galã, mas, quando me viu, exclamou: ‘É você?’ E deu no pé”, recordou na entrevista concedida ao veículo.

Mesmo assim, quando Clóvis casou, recebeu telefonemas de mocinhas que choravam copiosamente. Talvez por verem frustradas suas esperanças de um relacionamento com o radialista.

Advocacia

Quando Clóvis prestou vestibular para o curso de Direito, segundo suas próprias palavras, repetidas por familiares, existiam mais vagas do que candidatos. Ele foi a Furne para divulgar os nomes dos aprovados, mas faltava

o seu nome. Aí quase cai ciscando porque seu nome não constava na relação. Depois, tudo ficou esclarecido: faltava uma folha de nomes na lista de aprovados.

Seu prestígio entre os amigos contribuiu para, em 1993, ser indicado Juiz Classista da 1ª Junta de Conciliação e Julgamento de Catolé do Rocha -PB, pelo Sindicato de Rádio Difusão e Televisão do Estado da Paraíba.

Em 1994, aposentou-se pelo Tribunal Regional do Trabalho (TRT) da 13ª Região, na Paraíba, mas continuou trabalhando na Rádio Caturité. A vida do advogado, poeta, jornalista e radialista foi ceifada quando contava 55 anos, ao ser atropelado, em Campina Grande, no dia 22 de fevereiro de 1996. Seus ouvintes ficaram órfãos; a cultura popular, mais pobre; o bom humor no rádio, desfalcado para sempre. Jamais foi substituído nos itens talento e criatividade.

PROGRAMAS E POESIAS QUE MARCARAM ÉPOCA

■ O escritor, jornalista e professor universitário Gilson Souto Maior lembra que conheceu Clóvis em 1965, na Rádio Caturité, em Campina Grande, quando foi fazer um teste de locução. “Clóvis me deu a primeira oportunidade de empunhar um microfone,” acentuou. Após a elaboração do teste, que consistia em ler um texto sobre os jardins suspensos da Babilônia, Clóvis surgiu na cabine rindo, ao lado de Evandro Barros, e exclamou: “Estás aprovado, menino”. Clóvis acrescentou ainda: “Gilson, você fez uma narração fantástica”. E, em seguida, perguntou: “Você já trabalhou em rádio?” Ao ouvir um “nunca”, ficou surpreso.

Gilson assegura que Clóvis foi o criador do programa ‘Postal Sonoro’, que englobava recados de amor entre as pessoas que se amavam. “Ele entremetava mensagens com canções românticas e o público gostava”, recordou. Outro de seus sucessos foi ‘O Forró da Taba Lascada’, onde declamava poesias caipiras. Na literatura, popularizou a poesia ‘A Mala’, um conjunto de estrofes que, ao ser ouvida no rádio, inicialmente, dava a entender uma relação sexual entre dois idosos mas, na verdade, era um casal que tentava fechar uma mala.

Angélica Lúcio



angelicallucio@gmail.com

Valor-notícia e o assassinato de duas crianças negras na capa do jornal

Há alguns dias, a chef Paola Carosella publicou em suas redes sociais a capa do jornal *O Estado de São Paulo*, edição de 6 de dezembro de 2020. Na imagem, Paola fez algumas intervenções para ressaltar o que deveria, de fato, ser o principal assunto do dia: o assassinato de Emily Victória, 4 anos, e Rebecca Beatriz, 7, no Rio de Janeiro.

A execução (sim, a palavra é esta) a tiro de fuzil das duas primas recebeu apenas um pequeno destaque na capa do jornal paulista: uma chamadinha em duas colunas no fim da capa. O título? **Dois meninas morrem em tiroteio no Rio.**

No livro *O lugar do crime no jornal – Uma análise da cobertura policial do jornal da Paraíba*, a jornalista e pesquisadora Valéria Si-nésio traz questionamentos que remetem ao noticiário sobre a execução de Emily e Rebecca: “Que elementos tornam uma história mais ‘atraente’ que outra, do ponto de vista jornalístico? Seria o tipo de crime ou a condição social da vítima?”

Emily e Rebecca são crianças negras. Brincavam na frente de casa quando foram assassinadas no dia 4 de dezembro passado. Os moradores de Duque de Caxias, onde o fato

ocorreu, disseram que não viram uma perseguição, apenas a polícia atirando. Somente este ano, 22 crianças foram baleadas no Rio de Janeiro; oito morreram.

As estatísticas têm estratificação social e econômica. Alguém imagina o tamanho da cominação que seria se fossem duas meninas brancas, executadas enquanto brincavam em um bairro de classe média alta? O relato ganharia todas as manchetes dos principais jornais brasileiros.

No caso de Emily e Rebecca, os editores do Estádio até avaliaram que o fato tinha valor-notícia e, portanto, ganharia interesse do público. Mas a execução das primas de 4 e 7 anos, ao ser avaliada pelos jornalistas responsáveis pela capa, foi classificada como de menor importância em relação a assuntos comunitários: sugestões de três especialistas para montar uma árvore de Natal na parede; como o maquiador e cabeleireiro de noivas Jeff Anthony decorou sua casa durante a pandemia; como os temas abordados pelo escritor russo Fiodor Dostoiévski (1821-1881) continuam



Foto: Reprodução

atuais mesmo 200 anos após seu nascimento. Três notícias muito “relevantes” realmente...

Conforme o escritor Felipe Pena, na obra Teoria do Jornalismo, os jornalistas se valem de uma cultura própria para decidir o que é e o que não é notícia. Citando Mauro Wolf, Pena lembra que noticiabilidade é a capacidade que os fatos têm ou não de virar notícia. Na leitura do Estádio, o assassinato de duas crianças negras ainda é “merecedor” de importância. Mas não tanta, na visão de quem editou o jornal, a

ponto de merecer destaque acima da dobra do impresso, que é o local de maior valorização/visibilidade na capa.

Como bem citado por Felipe Pena, “a noticiabilidade é negociada”, o que faz com que os critérios que definem a capacidade de uma notícia ser ou não publicada, ter ou não destaque na capa, sejam negociados. “O repórter negocia com o editor, que negocia com o diretor de redação, e assim por diante”.

Por quantos filtros a morte de Emily e Rebecca passou? Quantas negociações a mais seria preciso para que o fato ganhasse espaço relevante na capa? Será que banalizamos a morte de duas crianças ao ponto de a ocorrência não merecer um grande destaque numa edição de jornal?

Como muito bem colocado pela linguista Jana Viscardi (em seu perfil no Instagram), jornais têm responsabilidade e precisam reverberar criticamente toda essa violência. O assassinato de Emily e Rebecca deveria estar em destaque em todos os jornais. “Deveria ser o assunto mais discutido na TV. Mas não é. E sabemos, infelizmente, o porquê. Porque vidas negras seguem em segundo, terceiro, quarto plano neste país. Porque quem vive em favelas é considerado menos gente”, reforça Viscardi.

O que nós, jornalistas, editores, leitores, nos tornamos? Não esqueça: nossa cegueira seletiva também é cúmplice.

Dom Cardoso



escritoriocardoso@gmail.com

Orlando Silva, o cantor das multidões

Falecia no dia 7 de agosto de 1978, aos 63 anos de idade, vítima de uma isquemia cerebral. Com sua morte encerrava-se a história da mais bela voz do cancionista popular. Orlando Silva foi sem dúvida nenhuma o maior cantor da nossa música popular brasileira de todos os tempos. No período entre 1935 a 1943, foi o maior cantor de massa que surgiu no Brasil.

Esta é a história de uma voz. Não de uma voz comum, dessas que em todas as épocas e em todo mundo interpretam o sentimento poético e musical dos povos. Dessas que, a partir do advento da gravação sonora e do rádio, no amanhecer do século XX, invadem todos os ouvidos pelos múltiplos canais de comunicação postos à disposição do ser humano.

É a lenda de uma bela voz. Talvez a mais bela que o cancionista popular já utilizou, quaisquer que sejam os idiomas em que foram timbradas. Uma voz que, talvez, por ter sido tão especialmente bela, não conseguiu durar mais do que o tempo equivalente a uma breve infância biológica. Exatos oito anos mais seis meses.

Esta é a história da voz de Orlando Silva (1915-1978), no período profissional do cantor a sua estreia no disco, em junho de 1935, a sua última gravação, em dezembro de 1943, antes de perder o privilégio do vocal que fez dele o primeiro ídolo de massa da música popular no mundo, o “Cantor das multidões”. Orlando Silva nasceu na Rua General Clarindo, no bairro do Engenho de Dentro, subúrbio carioca. Filho de Balbina Garcia e seu pai José Celestino da Silva, era violonista e participou de uma das formações do conjunto de Pixinguinha “Os Oito Batutas”, animan-

do serenatas, peixadas e feijoadas, José Celestino não viajando para o exterior com o conjunto, porque na época já era pai de três filhos. Orlando Silva teve cinco irmãos, mas foi o único com vocação musical.

Em todas as apresentações de escola, Orlando era convocado a cantar, o que fazia escondido por sua grande timidez. Quando voltava do colégio, subia em um pé de amoras e passava horas cantando, atendendo a pedidos dos vizinhos. Certa vez em um dos domingos de outubro na Festa da Penha, ainda de calças curtas, começou a cantar e o lugar passou a ser procurado “por ser aquele onde se apresentava aquele menino”. Orlando Silva viveu por três anos neste ambiente, quando, então, seu pai faleceu da gripe espanhola.

Teve uma infância normal, sempre gostando muito de violão. Na adolescência já era fã de Carlos Galhardo e Francisco Alves, este último um dos responsáveis por seu sucesso. Seu primeiro emprego foi de estafeta da Western, com o salário de 3,50 cruzeiros por dia, trabalhou também como entregador de marmitas.

Foi então para o comércio: operário de uma fábrica de cerâmica, aprendiz de cortador na fábrica de calçados Bordoal, situada na esquina da Rua Buenos Ayres, vendedor de tecidos, entregador de encomendas da casa Reunier. Quando estava nesta função, sofreu um acidente ao tentar entrar no bonde em movimento, que lhe causou a perda dos quatro primeiros dedos dos pés e transtornos para o resto da vida. Acredita-se que surgiu nesta época seu envolvimento com a morfina, droga utilizada para acalmar a intensa dor causada pela amputação dos dedos. Tendo

um dos seus pés parcialmente amputado, ficou um ano inativo, lhe trazendo sérios problemas financeiros, já que sustentava a família.

Após seu restabelecimento, foi trocador de ônibus, uma das poucas funções que podia desempenhar sentado. Por sugestão do motorista do ônibus, o português Foramecção, se apresentou em um circo que estava em frente à empresa. O filho do dono da empresa, José Correia Lopes (Zezé), impressionado com a voz do cantor tirou-o do ônibus, passando-o para os serviços de escritório.

Seu irmão, Edmundo, grande incentivador de sua carreira, fez com que ele fosse à Rádio Cajuti. Na Cajuti, ensaiou com o violinista Brito, preparando números para apresentar à Bevilacqua, o diretor da rádio. Depois de três, quatro tentativas de encontrar o diretor, numa das vezes foi ouvido pelo compositor Borroró, que o levou ao Café Nice para apresentá-lo a Francisco Alves. Foram até o carro de Chico Alves, e começou a cantar um samba de Ary Barroso. Em seguida cantou a valsa “Mimi” do compositor Uriel Lourival. Entusiasmado, Chico Alves marcou um teste na Rádio Guanabara, para ouvi-lo no microfone. O sucesso foi enorme, e Francisco Alves o convidou a estreiar em seu programa.

Em 1940, já no auge da fama, iniciou uma grande história de amor com a atriz Zezé Fonseca, relacionamento turbulento que perdurou até aproximadamente 1943. Acredita-se que por essa época o cantor tenha voltado a utilizar a morfina, comprometendo assim sua bela voz e carreira artística. Em 1947, uniu-se a Maria de Lourdes, com quem viveu harmoniosamente até seus últimos dias. Maria de Lourdes faleceu em 1993.

Foi Borroró, conforme o próprio relembra no filme “O cantor das multidões” que o apresentou a Francisco Alves, que ouviu Orlando Silva cantar no interior de seu carro, decidindo imediatamente lançá-lo em seu programa, na Rádio Cajuti. Nos seis ou sete anos seguintes, tornou-se um grande sucesso, considerado por muitos a mais bela voz do Brasil, contando inclusive com a estima do próprio presidente Getúlio Vargas, que dizia “Eu

gostaria de ter a popularidade do Orlando Silva”. Orlando Silva atraía os fãs de tal forma que o locutor Oduvaldo Cozzi passou a apresentá-lo como o “Cantor das multidões”, conforme relata o filme com o mesmo nome.

Nenhum outro cantor em toda a história da MPB alcançou tanta glória e respeito do que o cantor Orlando Silva. Os maiores clássicos da MPB gravados por Orlando que ainda hoje são regravados numa demonstração que faleceu o cantor, mas sua glória de cancionista popular se perpétua, tornando-se imbatível até os dias atuais. No tocante a afirmativa de que foi a mais bela voz do Brasil, quicá a mais bela do mundo, porque essa afirmativa vem do maior tenor da época Tito Scarpá “menino eu nunca ouvi uma voz tão bela, para mim sua voz é uma das mais belas vozes do mundo”.

Uma voz que respaldou como um espírito mitológico do ar; que surge do nada, para por um curto tempo entre os mortais, encantando e embevecendo com sua magia, para logo desaparecer numa bruma tão misteriosa quanto o relâmpago que o fez surgir.

Uma voz que invadiu o panorama musical brasileiro com uma força avassaladora, arrebatando multidões de apaixonados admiradores de todas as idades, sexos e condições sociais, e que impregnou com inigualável influência milhares de cantores das gerações que se sucederam, de profissionais de grande valor a seresteiros despreziosos e anônimos, com as fórmulas revolucionárias do virtuosismo técnico inovador que introduziu na arte do canto, e o exemplo do seu timbre vocal de beleza incomparável.

Com a morte do cantor das multidões fechou-se um ciclo glorioso da MPB, nunca mais alcançado por nenhum outro cantor ou cantora que o sucederam.

(Por motivos de ordem superior, o autor desta coluna não está podendo publicar textos inéditos, temporariamente. Assim, aproveitamos para relembrar seus artigos mais lidos, como este da edição de 23 de agosto de 2020)



Walter Ulysses - Chef formado no Curso de Gastronomia no antigo Lynaldo Cavalcante (João Pessoa) e tem Especialização na Le Scuole di Cucinadi Madrid. Já atuou em restaurantes de diversos países do mundo, a exemplo da Espanha, Itália, Portugal e Holanda. Foi apresentador de programas gastronômicos em emissoras de TV e rádio locais, e hoje atua como chef executivo de cozinha na parte de consultorias.

Instagram: @walterulysses
 E-mail: chefwalterulysses@hotmail.es

O reflexo da covid

Estamos vivendo uma possível segunda onda da covid-19 e isso tem gerado um desespero muito grande nos comerciantes, em geral, mas principalmente em quem trabalha no ramo de hotelaria, que entra também a gastronomia. Já vemos algumas associações ligadas ao ramo, como também grupos de sindicatos, se reunindo para um possível fechamento geral, voltando a ser novamente só pelo atendimento delivery.

Pelo que venho acompanhando pelos canais de TV, isso tem sido uma crescente e não está difícil que chegue a acontecer muito em breve. Se isso ocorrer, vai gerar um desemprego muito maior do que o de hoje, além de falência em um efeito devastador.

Por onde tenho andado, já é nítido o efeito da primeira fase da pandemia. Muitos locais fechados, repasse de pontos, vendas, aluguéis e muitas outras consequências. Há até locais abandonados e saqueados. Sei que isso é um problema mundial, mas para haver

um resultado melhor tem que existir uma maneira drástica para tentar amenizar a situação antes da chegada da vacina.

É necessário uma política pública entre os governantes de maneira geral, incluindo as instâncias dos governos federal, estaduais e municipais, juntamente com bancos e linhas de créditos para que a classe não chegue a afundar dessa vez, como ocorreu com muitos na primeira fase da pandemia.

Estão todos em pânico, sem saber o dia de amanhã, pois todos têm uma vasta conta com fornecedores a pagar e uma folha de pagamento para quitar, além de que muitas famílias dependem desse emprego. Se não houver uma decisão dos governantes, terá um colapso turístico muito maior, além de um desemprego cem vezes maior do que da primeira vez da doença no mundo.

Dessa vez, teremos muito choro e ranger de dentes, e não terá quem socorrer, pois muitos já voltaram no vermelho e continuam no vermelho. A classe de hotelaria pede socorro!

Foto: Divulgação



PRATO DO DIA

Salpicão de frango defumado natalino

Ingredientes

- 1 frango defumado para desfiar
- 200g de peito de peru defumado cortado em cubos
- 1 vidro de palmito do grande em cubos
- 2 cenouras raladas grandes
- 4 maçãs verdes cortadas em pequenos cubos
- 250g de uva-passa
- 1 vidro pequeno de cereja (para decorar)
- 1 saco de batata palha média
- 2 caixas de creme de leite
- 2 colheres de sopa de maionese
- 2 colheres de sopa de requeijão
- 1 lata de milho verde
- 1 saco de azeitona picada sem caroço

Modo de preparo

Depois de tudo desfiado e cortado, é só misturar em um recipiente, levar a uma travessa e arrumar, espalhando. Em seguida coloque a batata palha por cima e decore com as cerejas em caldas. Cubra com plástico filme e leve à geladeira para esfriar. Depois de duas horas, já pode servir!



QUENTINHAS

• Este fim de semana participei do primeiro Fanpress Iluminado Natalino, com destino a Campina Grande, organizado pela Associação Brasileira de Imprensa de Mídia Eletrônica (Abime) e Abrajat-PB, que tem como diretora a jornalista Mesina Palmeira. Foram 15 jornalistas convidados. Ficamos hospedados no Hotel Garden, no roteiro, teve passeio no ônibus iluminado de Natal com um jantar especial. Na manhã, tivemos um delicioso café da manhã com direito a muitas comidas típicas de nossa região, e o almoço foi para lá de arretrato na Casa de Cumpade e suas delícias nordestinas. À tarde, fomos quadrilhar na Vila Sítio São João e assistimos à encenação do Presépio Vivo. Foi tudo muito lindo e abençoado e não poderia faltar comida farta!

• No final de semana retratado, visitamos uma pousada chamada "Pousada do Mundos", no Litoral Sul de nossa Paraíba. Um local agradável, tranquilo e lindo com muito contato com a natureza. No local, à noite, há deliciosas pizzas, crepes e drinks feitos na hora. Um local para curtir com a família e uma excelente lua de mel. Eu garanto que você não irá se arrepender. Visita o Instagram deles e dá uma conferida no @pousadadosmundos

• Quarta-feira passada teve a reinauguração da Fan Pizza, na cidade de Santa Rita, e eu estive por lá. É um local agradável e de uma gastronomia de superar muitas pizzarias da nossa capital tanto nas massas como nos recheios das pizzas que são todos de primeira qualidade. Muito em breve ela estará com seu ponto em nossa capital. Dá uma conferida no seu Instagram @fan_pizza_delivery

• Olha, vou deixar uma dica bem especial para aqueles que querem perder um peso antes e depois das festas de final de ano. É a salada balanceada da Delícia de Salada. Lá você pode fazer sua salada, juntamente, com sua nutricionista, ou deixar que eles elaborem de maneira bem nutricional. Da uma conferida no seu Instagram @delidesalada

PITADAS A GOSTO



O Brasil é o criador do salpicão. Trata-se de um tipo de salada, conhecida pela mistura de legumes, frutas e carne de ave desfiada e, tradicionalmente, servido nas ceias de Natal e Ano Novo, em vários estados do país. Existem variações da receita em torno dos ingredientes citados, sendo basicamente composto por frutas como abacaxi, cereja, maçã verde e uva-passa, cenoura ralada, batatas, maionese, salsão, pimentão de várias cores, carne de frango, ou peru, e temperos comuns como sal e pimenta. Então, é muito comum em cada família ter uma receita da vovó especial que é passada de geração para geração.